

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE LETRAS

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**UMA TERRA, DOIS OLHARES:
O RIO GRANDE DO SUL NA VISÃO DE FRÓIS E WINTER.**

Isabel Cristina Farias de Lima

Dissertação de Mestrado

Porto Alegre

2000

APRESENTAÇÃO

O presente estudo propõe-se a analisar a representação de personagens médicas estrangeiras, especificamente, Dr. Gaspar de Fróis e Dr. Carl Winter, em duas obras da literatura sul-rio-grandense do século XX, quais sejam, *Um quarto de légua em quadro*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, e *O continente*, primeiro volume da trilogia de *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo.

Um quarto de légua em quadro tematiza a aventura dos primeiros colonos portugueses para chegarem em terras rio-grandenses, desde a travessia por mar até a fixação na Província, no período de 1752-1753, primórdios da colonização do Rio Grande do Sul, apresentando os acontecimentos que deveriam torná-los propulsores da conquista do território mais meridional da Colônia. Discutindo as raízes e a gênese do povo gaúcho, o livro é narrado sob a forma de diário, em que o médico, que integra o grupo de ilhéus portugueses, expõe seus juízos à medida que os problemas aparecem, já que ele consegue perceber as intenções ocultas do projeto de assentamento dos açorianos, nas terras do extremo Sul do País.

O continente enfoca a história da formação do Rio Grande do Sul, através da trajetória de duas famílias: os Terra e os Cambará. Os eventos decisivos são a revolução que atinge diretamente a vila de Santa Fé, determinando o choque frontal entre Pedro Terra e Ricardo Amaral; a fuga do Capitão Rodrigo Cambará, que se incorpora ao exército farrapo, mas é morto justamente quando ocorre a retomada da cidade; a recuperação do sobrado da família Terra.

Os fatos narrados nas duas obras e que dizem respeito à formação da sociedade gaúcha foram observados e analisados por duas personagens médicas estrangeiras no papel de catalisadoras e analisadoras das histórias que presenciaram e ouviram: Dr. Gaspar de Fróis e Dr. Carl Winter, respectivamente, em *Um quarto de légua em quadro* e *O continente*.

Verificando os estudos desenvolvidos sobre a personagem e aproveitando a oportunidade como bolsista de Mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, trabalhando no projeto de pesquisa *Antologia de textos ficcionais sul-rio-grandenses*, integrado à linha de pesquisa Literatura Sul-Rio-Grandense; do Curso de Pós-Graduação em Letras, desta mesma Universidade, constatou-se uma ausência de estudos enfocando a personagem estrangeira. Tendo em vista a carência nesse sentido e a ampliação dos estudos sobre Literatura Sul-Rio-Grandense, julgamos pertinente investigar a representação de personagens médicas estrangeiras, nessas duas obras, como contribuição aos estudos literários de nosso Estado.

A análise da representação de personagens médicas estrangeiras em narrativas sul-rio-grandenses do século XX tem como objetivo verificar e discutir a imagem e o olhar destas personagens no contexto em que estavam inseridas, evidenciando a contribuição e os vários papéis exercidos por elas, considerando o momento vivenciado.

O estudo nas obras destacadas elabora-se a partir de uma investigação que se divide em cinco capítulos.

No capítulo primeiro, intitulado UMA TERRA, recupera-se parte da história do Rio Grande do Sul, resgatando apenas elementos

tematizados nas duas narrativas, tais como a chegada dos portugueses e alemães ao Sul do Brasil. No capítulo segundo, intitulado A PERSONAGEM DE FICÇÃO, apresenta-se o referencial teórico, enfocando-se apenas os tópicos que possibilitam evidenciar com maior vigor os aspectos das personagens em estudo. Nos capítulos terceiro e quarto, intitulados DR. GASPAR DE FRÓIS e DR. CARL WINTER, respectivamente, analisa-se a trajetória dessas personagens. Por último, no capítulo quinto, intitulado DOIS OLHARES são confrontadas ambas as personagens em suas semelhanças e diferenças, para depois, num, segundo momento, caracterizá-las em relação aos aspectos teóricos adotados no segundo capítulo.

Para a elaboração do capítulo primeiro, recorrer-se-á à bibliografia sobre história e literatura do Rio Grande do Sul, buscando os fundamentos para o delineamento do momento histórico e cultural em que se situam as narrativas objeto deste estudo; para a caracterização do conceito da personagem, utilizar-se-ão teorias relativas à construção da personagem ficcional, fundamentalmente, *Aspectos do romance*, de E. M. Forster, e *A personagem de ficção*, de Antonio Candido.

A bibliografia, ao final do trabalho, relaciona todos os títulos que, de modo mais direto ou indireto, colaboram para a redação deste estudo.

1 UMA TERRA

No século XVI, Portugal e Espanha, as duas grandes potências ibéricas, tentavam conquistar o mundo quando o Brasil, mais precisamente o Sul do território brasileiro, chamou-lhes a atenção. Tanto Portugal quanto Espanha almejavam a garantia das terras sulinas e, por isso, travaram sérios conflitos até que a Coroa portuguesa viu ser necessário tomar oficialmente posse da terra compreendida entre a Laguna e o Prata. Para consolidar seu domínio na área e preservar o comércio na região, o governo luso enviou a expedição do Brigadeiro José da Silva Paes que, em 1737, fundou a fortaleza-presídio de Jesus-Maria-José, em Rio Grande.

Os desentendimentos e os acertos entre as duas monarquias ibéricas marcaram a história do território rio-grandense. Em 1750, foi firmado entre as duas nações o Tratado de Madri, estabelecendo que Portugal entregaria Sacramento à Espanha em troca das Missões, que, por sua vez, passavam para o domínio luso. Entretanto, a demarcação dos limites do acordo foi interrompida pela rebelião dos índios missioneiros que se recusaram a entregar suas terras, motivando a Guerra Guaranítica (1754-1756). Foi essa guerra que surpreendeu os imigrantes dos primeiros ciclos migratórios em terras sulinas: os casais açorianos, que aqui chegaram, em 1751.

O Rio Grande do Sul foi das poucas áreas brasileiras ocupadas por grupos de imigrantes, no caso, açorianos e alemães. Ao contrário de outras regiões, cuja formação étnica deveu-se à confluência de portugueses, negros e índios durante o período colonial, a Província contou, além da colonização por parte desses povos, com a vinda, em diferentes épocas, de

representantes de outras nações européias, que se estabeleceram ao longo do território.

Vieram, assim, grupos de variada procedência, não com o intuito de substituir o braço escravo, como ocorreu em São Paulo, mas para o trabalho agrícola e o estabelecimento de minifúndios, conferindo características peculiares ao fenômeno. A colonização converteu-se num dos principais tópicos da vida sulina, ao explicar singularidades europeizantes que influenciaram a cultura e o modo de viver locais, mas também por atestar uma modalidade original de formação histórica e funcionamento social.

1.1 Os açorianos

Os açorianos constituíram o primeiro grupo de europeus que se transferiu para o Brasil com o intuito declarado de se radicar na nova terra, ocupando e colonizando o território até então habitado apenas pelos indígenas. Esse processo ocorreu durante o período colonial, mais precisamente, no século XVIII.

Com a intenção de colonizar esta parte do Brasil, o governo de Portugal empregou um sistema que vinha sendo insistentemente preconizado: a *política dos casais*. Para o Continente, foram mandadas famílias que deveriam ocupar as Missões, provenientes sobretudo dos arquipélagos portugueses dos Açores e da Madeira.

Ao ser publicado o Edital listando as vantagens oferecidas aos ilhéus, os moradores acorreram apressados, tanto nos Açores como na

Madeira, a se inscreverem, pois estavam afeitos à limitada economia insulana. Inúmeros eram os atrativos oferecidos aos que emigrassem para o Brasil: desde sítios e condições para se fixarem, ajuda financeira, utensílios diversos, dois alqueires de sementes, duas vacas e uma égua, farinha para o sustento durante o primeiro ano, enfim, tudo o que fosse necessário para o assentamento inicial.

As primeiras viagens ocorreram em 1751. Primeiramente os colonos açorianos desceram em terras catarinenses – Desterro – cuja colonização iniciara antes, para após serem enviados mais para o Sul. Ao chegarem aqui e até povoarem Missões, os imigrantes ficaram arranchados no Sítio do Dorneles, atual Porto Alegre, Viamão, Rio Grande e Rio Pardo, com a promessa de receberem ajuda financeira e os demais benefícios acima citados.

Duas fases teve o povoamento açoriano em terras sulinas: a primeira, dos anos de 1751 a 1759, teve como finalidade precípua substituir o índio nas aldeias missionárias; a segunda, ruída aquela esperança, começa o povoamento metódico, com a distribuição de terras aos povoadores.

Nem tudo saiu como o planejado. Os *casais de número*, ou *casais d'El Rei* como ficaram conhecidos, passaram por inúmeras dificuldades. A travessia demorou mais do que o previsto, feita em navios superlotados, com água e alimentos escassos e nenhuma higiene. Havia doenças a bordo e centenas de mortes:

Após uma viagem terrível e de quase três meses naqueles pequenos navios mercantes da época, do tipo dos chamados de galeras, superlotados e sem acomodações apropriadas para um número tão elevado de passageiros de ambos os sexos, com a sua situação agravada por outras tantas medidas restritivas impostas aos casais

durante todo o longo e moroso percurso em alto mar, medidas impostas por ordem do próprio Conselho Ultramarino aos armadores, grande seria fatalmente a mortandade entre eles, já que tais medidas iriam atingir em cheio principalmente a parte feminina dos transportes como biologicamente mais sensível e delicada.¹

Além disso, a distribuição de terras foi confusa e morosa, forçando os casais a ficarem em áreas vazias, - Porto Alegre, Mostardas, Estreito, Osório, Santo Amaro, Taquari, Rio Pardo e Gravataí - sem a ajuda prometida. A tentativa de povoar o extremo Sul com açorianos foi tão desordenada e cheia de percalços que ainda hoje não se sabe ao certo quantos efetivamente chegaram ao Rio Grande do Sul e que extensões de terras foram concedidas a esses homens.

No ano de 1764, o Vice-Rei anotou que havia algumas pessoas que possuíam duas, três ou mais sesmarias e, por essa razão, ficou Sua Majestade sem dispor de terras para acomodar os açorianos. Por isso, ordenou o assentamento dos mesmos, ainda que fosse em sesmarias das pessoas mais poderosas e mandou dar-lhes vacas, bois, éguas e ferramentas prometidas, além de tecidos, por se encontrarem desnudos. Apesar da ordem régia, os primeiros registros de terra concedida aos casais só apareceram em 1770. Os açorianos foram, assim, distribuídos em vários pontos que serviram como verdadeiros nódulos de expansão da vida portuguesa.

¹. WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. **A colonização açoriana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1979. p. 20.

Muitos não receberam ferramentas e os lotes distribuídos eram menores do que estipulava o Edital de Imigração. Mesmo depois de assentados, não acabou o sofrimento, pois os estrangeiros eram constantemente recrutados para os exércitos ou tinham suas lavouras confiscadas para alimentar os soldados. Nada os impediu, porém, de confirmarem sua vocação agrícola, como pioneiros na tecelagem de lã em Mostardas, na vitivinicultura em Rio Grande, na lavoura de cana em Conceição do Arroio, hoje Osório, no trigo em Canguçu, além de instalar atafonas, engenhos de açúcar e moinhos.

Com o passar do tempo, os açorianos abandonaram a agricultura pela pecuária extensiva, menos onerosa e sem a dependência climática das plantações. Com o plantio de trigo, tabaco, algodão, centeio, cevada, milho, arroz, alpiste, legumes, melancia, cebola, mandioca e cana-de-açúcar, que os ocupava desde 1752, o Rio Grande do Sul atingiu a fama de capitania de celeiro farto.

Os ilhéus representaram um fator de equilíbrio na sociedade de guerreiros e campeadores que o século XVIII projetou no extremo Sul. Tudo neles tendia à estabilidade, à organização da vida comunal, segundo os modelos do arquipélago.

Mais tarde, ao se transferir para o Brasil com toda a sua corte, D. João estabeleceu condições para a imigração estrangeira, com a finalidade de implantar colônias agrícolas. Assim, entrou mais um grupo no continente: os alemães.

1.2 Os alemães

Os alemães começaram a entrar na região Sul do País após a independência. Entre 1824 e 1875, os deslocamentos foram intermitentes, variando conforme as dificuldades políticas e econômicas experimentadas pelo povo germânico que, na época, lutava pela unificação.

No dia 25 de julho de 1824, imigrantes alemães, que o Presidente da Província tinha acolhido em nome do Governo Imperial, chegaram a Porto Alegre e foram estabelecidos em terras concedidas na extinta Feitoria do Linho Cânhamo, marcando o início da colonização germânica no Rio Grande do Sul. Vieram atraídos por uma política governamental que pretendia, fixando-os à terra, formar colônias produtoras de gêneros necessários ao consumo interno.

As ofertas para que os imigrantes europeus aportassem em terras sulinas expressavam-se numa lista de benefícios, assim itemizados:

1. passagem paga à custa do Governo Imperial;
 2. concessão gratuita de um lote de terra de 400 braças, em quadro, ou 160.000 de superfície;
 3. subsídio diário de um franco ou 160 réis a cada colono no primeiro ano, a metade no segundo;
 - 4.(...) certa quantidade de bois, etc.
- Juntavam-se a estas algumas disposições que se contrapunham aos preceitos da Constituição do país, e que não poderiam, portanto, ser efetivadas:
1. concessão imediata da qualidade de cidadão brasileiro;
 2. inteira liberdade de culto;

3. isenção por 10 anos de pagamento de impostos.²

Depois de 1875, intensificaram-se os movimentos migratórios, agora por iniciativa do governo brasileiro, que buscava uma solução fora do regime servil para a crise de mão-de-obra na agricultura nordestina e nas regiões produtoras de café, provocada pela proibição do tráfico de escravos, pela Inglaterra, desde 1850.

Inicialmente, o interesse do novo império não era tanto aliciar colonos, mas soldados, com a finalidade de garantir, militarmente, a Independência, denunciada por Lisboa como simples rebelião. O encarregado da missão de angariar os alemães foi o major Jorge Antônio de Schaeffer, que, mais tarde, por esse encargo, viu suas relações com o governo alemão ficarem abaladas.

Os primeiros colonos alemães tiveram de enfrentar terríveis dificuldades para se instalar no novo país, a começar pela travessia do oceano até a difícil adaptação a uma terra desconhecida. Os primeiros que chegaram nem conheciam os planos que o governo brasileiro traçara para eles. Sem saberem, estavam sendo trazidos para cumprir missões de estratégia política.

Porém, os motivos dos alemães eram outros. Atravessar o oceano até o Brasil representava para eles a conquista de um espaço de

². LANDO, Adair Marli & BARROS, Eliane Cruxên. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica**. Porto Alegre: Movimento, 1981. p. 36.

sobrevivência. Em 1824, a Alemanha, dividida em reinados, principados e ducados independentes entre si, acabara de sair das Guerras Napoleônicas que haviam dizimado a população masculina, deixado lavouras destruídas, mulheres violentadas e crianças órfãs. A terra era escassa. As famílias tinham muitos filhos, mas o direito hereditário recaía apenas sobre o primogênito. Assim, os extensos lotes oferecidos pelo governo brasileiro eram equivalentes, para os padrões alemães, a um grande latifúndio.

A penosa travessia do Atlântico era apenas o prefácio das dificuldades que os colonos ainda iriam enfrentar em terras brasileiras. Tiveram de aprender a língua nativa como fazem os bebês. Alguns animais, o tétano e outras infecções foram responsáveis por muitas mortes entre os europeus quando aqui chegaram. Não obtiveram a prometida assistência do governo central. As demarcações de terras foram feitas de maneira duvidosa, a entrega de lotes tornou-se cada vez mais demorada e suas dimensões foram sendo sistematicamente reduzidas: de setenta e sete passaram para vinte e cinco hectares.

No entanto, aos poucos, a colônia venceu as dificuldades que a terra nova apresentara aos recém-chegados. As toscas choupanas foram sendo substituídas por casas mais sólidas e se organizaram as primeiras lavouras. Com os depósitos de alimentos abastecidos, os imigrantes já podiam retomar velhas tradições culturais, recuperar os trabalhos artesanais em que eram mestres em sua terra e adaptar tudo isso às influências do novo meio. Graças à criação de porcos, as famílias abasteceram-se com banha, carne e frios.

Os alemães mantiveram tradições trazidas da Alemanha, mas também absorveram hábitos locais, tais como a adoção do equipamento do cavaleiro gaúcho: a sela, os arreios ornados, as pesadas esporas e a larga cinta.

Os trajes originais, de lã espessa, as roupas interiores de linho e os chapéus de feltro foram guardados para as festas de inverno. As mulheres alemãs também montavam, usando confortáveis e enfeitadas selas de amazona, fato que não agradou muito aos brasileiros.

Ao lado da adaptação cultural às novas terras, os colonos começavam também a empreender atividades lucrativas. Foram eles os responsáveis pelas primeiras lavouras comerciais cultivadas no Rio Grande do Sul e que estão, portanto, na origem do processo agrícola gaúcho.

Organizada a colônia, surgiu a figura do comerciante, elo de ligação entre as comunidades e a Capital. Mais do que um leva-e-traz de mercadorias, por onde passava o comerciante era um portador de novidades; também funcionava como banqueiro, emprestando dinheiro aos colonos. Alguns chegaram a se tornar poderosos: compraram terras e formaram feudos em torno de suas propriedades.

A entrada dos imigrantes no Brasil e, principalmente, no Rio Grande do Sul possibilitou que, internamente, se desse o processo de transição de mão-de-obra escrava para mão-de-obra livre, apesar de que eles vieram trabalhar para si e não para resolver problemas da falta de braços na pecuária.

Nos núcleos coloniais alemães, observava-se a existência de duas correntes: aqueles que se colocavam sempre numa posição de hóspedes do Brasil, considerando a Alemanha sua verdadeira pátria, e aqueles que, apesar de terem orgulho de sua ascendência, sentiam, ao se fixarem aqui, a necessidade de se interessar e de participar ativamente da vida política nacional.

Embora tendo que sofrer um processo natural de adaptação à nova sociedade, verificado em todos os casos de migração, o imigrante alemão não precisou, para se integrar, reformular totalmente seu papel social, na medida em que esse foi transferido quase que integralmente para a sociedade de adoção.

2 A PERSONAGEM DE FICÇÃO

Ser animado ou inanimado, modelo da realidade, exemplo de conduta, dispensável ou absolutamente indispensável, solitária ou entrelaçada numa rede, são muitos os conceitos para a personagem de ficção. A multiplicidade de abordagens traduz o desejo de compreender sempre mais esse componente que atravessa as narrativas e acaba, muitas vezes, restando como a grande lembrança da leitura do texto. Antonio Candido diz que a impressão que fica da leitura de um romance é o enredo e as personagens que vivem esse enredo. Um e outro se exigem recíproca e necessariamente.

Praticamente todos os estudos clássicos sobre a personagem deparam-se com a dificuldade de estabelecer a diferença entre pessoa e personagem, traçar limites, criar para o leitor um conveniente distanciamento. A personagem é gestada no complexo interior de um homem concreto, que soma todas as experiências pessoais e sociais de sua vida e para quem o modelo de ser humano mais conhecido é ele próprio. Isso não pode constituir, no entanto, limitação nem parâmetro para construir a personagem. Ela nasce no texto, no complexo de suas relações com os demais componentes. É um ser ficcional, acima de tudo, ainda que, muitas vezes, sejamos levados a ver nela um indivíduo real.

A fim de esclarecer as relações entre a realidade e o ser ficcional, na década de 1920, E. M. Forster, romancista e crítico inglês, empenhou-se em esclarecer alguns pontos diretamente ligados ao romance e à personagem de ficção, publicando, em 1927, *Aspectos do romance*. Para Forster, a personagem é um ser fictício, sendo um componente dentre os vários elementos que compõem a narrativa.

Para o autor, os protagonistas numa história são, ou pretendem ser, seres humanos. Segundo ele, o romancista, um ser humano, acaba estabelecendo uma afinidade entre si e o assunto, o que não acontece em muitas outras formas de arte. O romancista trabalha com massas verbais, dando-lhes nomes e sexos, determinando-lhes gestos plausíveis e fazendo-os falar por meio de aspas e, talvez, comportarem-se consistentemente. Essas massas verbais são, para Forster, suas personagens.

Forster menciona que existe uma diferença entre as pessoas num romance e as pessoas, como o romancista, por exemplo. Se uma personagem num texto for igual a *alguém*, não parecida, mas exatamente igual, então ela é esse *alguém*, e o romance, ou toda a parte dele que aludir a tal personagem, tornar-se-á uma memória. Segundo o autor, uma memória é história, baseada nos fatos, enquanto um romance é fundamentado nos fatos mais ou menos plausíveis, sendo a incógnita o temperamento do romancista, e essa incógnita sempre modifica o efeito dos fatos transformando-os inteiramente, algumas vezes. O historiador registra, enquanto o romancista deve criar. No romance, as pessoas têm a possibilidade de ser completamente entendidas pelo leitor; sua vida interior, assim como a exterior, podem ser expostas, ao passo que no dia-a-dia não conseguimos isto uns dos outros.

De um modo geral, Forster aponta-nos para coerência interna do texto e para as próprias leis que o mesmo possui que são seguidas por suas personagens, tornando-as reais para o leitor. Entretanto, elas são reais, diz ele, não por serem como nós - embora possam sê-lo - , mas porque são convincentes.

No estudo desse elemento fundamental para o desenvolvimento da narrativa, o teórico inglês propõe diferentes espécies de personagens, dividindo-as em *planas* e *redondas*.

As *personagens planas*, chamadas *humorous* no século XVII, também apresentam a possibilidade de serem classificadas como tipos ou caricatura. Na sua forma mais pura, são constituídas em torno de uma única idéia ou qualidade. Definem-se em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que suas ações apenas confirmam a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor. Ao contrário, as *personagens redondas* são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano.

Assim sendo, a consideração que Forster faz em relação à diferença entre as pessoas na vida e as pessoas nos livros é esclarecida por ele mesmo ao concluir que a questão encontra-se numa diferença: nos livros, os seres podem ter vidas secretas ou que poderiam ser visíveis, ao passo que nós somos pessoas cujas vidas secretas são invisíveis.

Para o crítico brasileiro Antonio Candido, a personagem apresenta-se como um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento novelístico. Segundo o autor de *A personagem de ficção*, a narrativa não pode dispensar três componentes: a personagem, o enredo e as idéias.

No meio dos três, destaca-se a personagem que é quem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos. A personagem parece o que há de mais *vivo* no romance e a leitura desse depende basicamente da aceitação da *verdade*

da mesma por parte do leitor. Ela é o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna, como se configurou nos séculos XVIII, XIX e começo do XX; está intimamente ligada ao contexto e à construção estrutural do romance.

Para Antonio Candido, existem afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção, e tais diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, entendido como a verossimilhança. Na vida, estabelece-se uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, entretanto, é estabelecido pelo escritor algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. Nossa interpretação dos seres vivos é fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente nossa interpretação da personagem, mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. Daí ser ela, diz o crítico, relativamente mais lógica, mais fixa do que nós.

Isto não significa que a personagem seja menos profunda, mas que a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram preestabelecidos pelo seu criador, que os selecionou e limitou em busca de lógica. A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo. Isso deve-se à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu.

Segundo ainda Antonio Candido, é graças aos recursos de caracterização – elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida,

configurando-se ante o leitor -, que o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza, mas que nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, tendo a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação.

A compreensão que nos vem do romance, portanto, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que nos permite a existência. Daí podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser humano.

Devido a isso, a marcha do romance moderno - do século XVIII ao começo do século XX - deu-se no rumo de uma complicação crescente da psicologia das personagens, dentro da inevitável simplificação técnica imposta pela necessidade de caracterização. A personagem, portanto, foi tratada de dois modos: primeiro, como ser íntegro e facilmente delimitável, marcada de uma vez por todas com certos traços que a caracterizam e segundo, como ser complicado, que não se esgota nos traços característicos, mas tem poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o misterioso. É desse ponto de vista, constata o crítico, que poderíamos dizer que a revolução sofrida pelo romance no século XVIII consistiu numa passagem do enredo complicado com personagem simples, para o enredo simples - coerente e uno - com personagem complicada.

O senso da complexidade da personagem, ligado ao da simplificação dos incidentes da narrativa e à unidade relativa de ação, marca o romance moderno. Na acepção do autor, houve, na evolução técnica do romance, um esforço para compor seres íntegros e coerentes, por meio de fragmentos de percepção e de conhecimento que servem de base à nossa interpretação das pessoas. Justificando tal afirmação, Antonio Candido

reconhece que, na técnica de caracterização, definiram-se duas famílias de personagens, que no século XVIII Johnson chamava *personagens de costumes* e *personagens de natureza*.

As *personagens de costumes* são, além de muito divertidas, apresentadas por meio de traços distintos, fortemente escolhidos e marcados, por meio de tudo aquilo que os distingue vistos de fora. Tais traços são fixados de uma vez para sempre, e cada vez que a personagem surge na ação, basta invocar um deles; sua caracterização apresenta-se invariável e logo revelada.

As *personagens de natureza* são apresentadas, além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser, e isso impede que tenham a regularidade dos outros. Não são imediatamente identificáveis e o autor precisa, a cada mudança do seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização diferente, geralmente analítica e não pitoresca.

Antonio Candido aproveita para sair da terminologia setecentista de Johnson e buscar Forster, na atualidade, no sentido de sua retomada da distinção de modo sugestivo e mais amplo, na qual propõe a classificação entre personagens planas e redondas.

Com base em uma formulação de Forster - a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como ser vivo, isto é, deve lembrar um ser vivo - o autor questiona, entre outras, se é possível copiar no romance um ser vivo e, assim, *aproveitar* integralmente a sua realidade. Seu questionamento obtém resposta negativa, primeiro, porque é impossível, segundo ele, captar a totalidade do modo de ser de uma pessoa ou sequer conhecê-la; segundo, porque neste caso se dispensaria a criação artística e terceiro, e, mesmo que fosse possível, uma cópia dessas não permitiria o

conhecimento específico, diferente e mais completo, que é a razão de ser, a justificativa e o encanto da ficção.

O escritor, quando toma um modelo na realidade, sempre acrescenta a ele, no plano psicológico, sua incógnita pessoal, graças à qual procura revelar a incógnita da pessoa copiada. Assim sendo, o autor é obrigado a construir uma explicação que não corresponde ao mistério da pessoa viva, mas uma interpretação desse mistério. Essa interpretação ele elabora com a sua capacidade de clarividência e com a onisciência do criador, soberanamente exercida.

Retomando ainda Forster, Antonio Candido faz um último comentário dizendo que uma personagem nos parece real quando o romancista sabe tudo a seu respeito, ou dá esta impressão, mesmo que não o confesse. É como se a personagem fosse inteiramente explicável. Por isso a personagem lhe dá uma originalidade maior do que a da vida, em que todo o conhecimento do outro é fragmentário e relativo.

Para o crítico, enquanto na existência quotidiana nós quase nunca sabemos as causas, os motivos profundos da ação dos seres, no romance esses nos são desvendados pelo romancista, cuja função básica é, justamente, estabelecer e ilustrar o jogo das causas, descendo a profundidades reveladoras do espírito.

Ser criado pela manipulação de um autor, resta ainda a pergunta, feita por Candido, sobre esse elemento da narrativa: no processo de inventar a personagem, de que maneira o autor manipula a realidade para construir a ficção? Segundo ele, a resposta daria uma idéia da medida em que a personagem é um ente *reproduzido* ou um ente *inventado*. Os casos variam

muito, diz ele, e as duas alternativas nunca existem em estado de pureza. Para melhor esclarecer este fato, Antonio Candido recorre ao romancista de técnica tradicional François Mauriac, que afirma que as personagens não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas.

Surgem novamente outras indagações por parte do crítico: de onde parte a invenção? Qual a substância de que são feitas as personagens? O romancista é incapaz de reproduzir a vida, seja na singularidade dos indivíduos, seja na coletividade dos grupos. Ele começa por isolar o indivíduo no grupo e, depois, a paixão no indivíduo. Na medida em que quiser ser igual à realidade, o romance será um fracasso. A necessidade de selecionar afasta dela e leva o romancista a criar um mundo próprio, acima e além da ilusão de fidelidade.

Neste mundo fictício diferente, diz Antonio Candido, as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido, ao contrário do caos da vida, pois há nelas uma lógica preestabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes.

Com base nessas reflexões, propõe sete tipos diferentes de personagens, balizadas por dois pólos ideais de sua criação - ou se trata de uma transposição fiel de modelos ou de uma invenção totalmente imaginária:

1 - personagens transpostas com relativa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiência, seja interior, seja exterior. O caso da experiência interior é o da personagem projetada, em que o escritor incorpora a sua vivência, os seus sentimentos; o caso da experiência exterior é o da transposição de pessoas com as quais o romancista teve contato direto;

2 - personagens transpostas de modelos anteriores, que o escritor reconstitui indiretamente, por documentação ou testemunho, sobre os quais a imaginação trabalha;

3 - personagens construídas a partir de um modelo real, conhecido pelo escritor, que serve de eixo ou ponto de partida;

4 - personagens construídas em torno de um modelo, direta ou indiretamente conhecido, que funciona apenas como um pretexto básico, um estimulante para o trabalho de caracterização, que explora ao máximo as suas virtualidades por meio da fantasia, quando não as inventa, de maneira que os traços da personagem resultante não poderiam, logicamente, convir ao modelo;

5 - personagens construídas em torno de um modelo real, que serve de eixo, ao qual vêm juntar-se outros modelos secundários, tudo refeito e construído pela imaginação;

6 - personagens elaboradas com fragmentos de vários modelos vivos, sem predominância sensível de uns sobre os outros, resultando uma personalidade nova;

7 - personagens que obedecem a uma certa concepção de homem, a um intuito simbólico ou a um impulso indefinível, que o autor corporifica, de maneira a supormos uma espécie de arquétipo que, embora nutrido da experiência de vida e da observação, é mais interior do que exterior.

Para Antonio Candido, em todos esses casos, simplificados para esclarecer, dá-se um trabalho criador, em que a memória, a observação e a

imaginação combinam-se em graus variáveis, sob a égide das concepções intelectuais e morais. O próprio autor seria incapaz de determinar a proporção exata de cada elemento, pois esse trabalho dá-se em boa parte nas esferas do inconsciente e aflora à consciência sob formas que podem iludir. A natureza da personagem depende, em parte, da concepção que preside o romance e das intenções do romancista.

Com isso, o crítico entra num aspecto que ele diz ser decisivo do problema: o da coerência interna. A personagem é antes fruto da organização interna do que da observação ou equivalência à realidade exterior. É dentro do texto que ela necessita justificar sua existência face aos outros elementos da narrativa: as demais personagens, o espaço, a duração temporal, as idéias. Vale, então, acima de tudo, a coerência interna: a personagem deve ser fiel ao texto em que vive, não tendo compromisso maior com uma possível realidade externa. O importante é a sua verossimilhança interna.

Assim sendo, originada ou não da observação, baseada mais ou menos na realidade, a *vida* da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem. Daí a caracterização depender de uma escolha e distribuição conveniente de traços limitados e expressivos, que se entrossem na composição geral e sugiram a totalidade dum modo-de-ser, duma existência.

3 DR. GASPAR DE FRÓIS

Dr. Gaspar de Fróis, personagem da obra *Um quarto de légua em quadro*, de 1976, obra de estréia do escritor sul-rio-grandense, Luiz Antonio de Assis Brasil, é um médico açoriano em viagem para o Brasil. Sua importância na narrativa sobressai-se desde as primeiras páginas, pois é através de seu olhar que a travessia dos portugueses para o Sul do país é descrita.

Ocupando a posição de narrador-personagem, Dr. Fróis acompanha os três momentos da viagem dos colonizadores, contando as façanhas por que passaram seus conterrâneos. De Açores à Ilha de Santa Catarina, testemunhou a travessia do oceano, durante a qual tantos perderam a vida; do Desterro ao porto do Rio Grande, relatou as façanhas dos imigrantes que deveriam receber as terras prometidas e os materiais para exercer seu trabalho; de Rio Grande a Viamão, acompanhou a ocupação provisória das terras de Jerônimo de Ornellas. O livro, portanto, divide-se em três partes, ou seja, em três cadernos em forma de diário, no qual ele, partícipe desses momentos, registra o que vê.

A primeira parte inicia com o relato da situação em alto-mar dos colonizadores saídos de Portugal com destino à Ilha de Santa Catarina. Segundo o narrador, as condições nas quais eles estavam sendo transportados eram péssimas. Desde a comida até a ambientação, nada parecia ser condizente: ambas haviam sido mal planejadas.

Doenças e pragas disseminavam-se no navio, uma vez que os passageiros dividiam o mesmo espaço, facilitando o contágio de parasitas como, por exemplo, o piolho. Enfermos, em especial os que sofriam de mal-de-

luanda, conviviam num único ambiente, tirando a possibilidade daqueles que possuíam uma chance de cura. Muitos morreram na jornada, contaminados por companheiros de viagem e enfraquecidos pela parca alimentação oferecida na embarcação.

Aqueles que apresentavam a gengiva sangrando conheciam o seu destino: eram mandados para o porão, num compartimento fechado do navio, junto com outros, numa espécie de isolamento. Sabiam, porém, que as chances de recuperação eram ínfimas e que, possivelmente, não sairiam mais com vida deste local:

- Desce já para junto dos outros! Levanta!
Ergueu-se, obedecendo. Olhou-me.
Tremiam duas grossas lágrimas.
- Vou, doutorzinho, mas de lá só se sai morto... (p. 11) ³

As acomodações do navio não eram sequer medianamente confortáveis. No convés, os colonos eram obrigados a se encostarem uns aos outros para dormir, num cochilo sobressaltado pela falta de espaço e interrompido freqüentemente pela circulação dos marinheiros. A embarcação não tinha cobertura e, quando chovia, o convés era alagado de uma extremidade à outra.

³. Todas as citações da obra serão retiradas da seguinte edição: ASSIS BRASIL, Luiz Antônio. **Um quarto de légua em quadro**. Porto Alegre: Movimento, 1978. Para facilitar, após a citação será registrada apenas a página onde ela se encontra.

Se a vida dos homens que permaneciam no convés era calamitosa, a dos que se encontravam no porão não era muito diferente. Tinham o privilégio de dormir abrigados, porém o ar era completamente viciado, dificultando a respiração.

A chegada do navio em terras do Desterro, e a batalha e as agruras enfrentadas pelos colonos até serem mandados para o Rio Grande, compõem o segundo caderno da obra. Ao atracarem na Ilha de Santa Catarina, os açorianos ficaram sabendo que ainda não permaneceriam em terra firme: seria mandada para o porto do Rio Grande toda e qualquer embarcação que chegasse naquele ano de 1752. A incerteza pairou sobre aquela gente que achava ser o Desterro o ponto final de uma dura travessia e, ao mesmo tempo, o ponto inicial de uma vida cheia de promessas.

Havia no Desterro um grupo já organizado. Muitos deles haviam chegado com Silva Pais no ano de 1537; outros eram militares-estancieiros. Todos esses e ainda uma leva comandada pelo governador do local, Coronel Manuel Escudeiro, opunham-se à vinda dos casais açorianos, uma vez que temiam pela organização já conquistada e pelos espaços que teriam que dividir com quem ainda tinha direito. A travessia do Desterro para o porto do Rio Grande foi melhor do que a de Portugal à Ilha de Santa Catarina: ao menos os colonos não dormiam no convés e tinham onde se abrigar, caso chovesse.

A alegria dos colonos ao avistarem terras sulinas foi substituída pela angústia ao verem que ninguém havia tomado providências para alojá-los. “As famílias foram para o interior do fortim. Dormiram algumas dentro da ermida. Outros no hospital. As que sobraram ficaram mesmo ao relento.” (p. 61).

Assim como a comida servida na embarcação não era variada, a oferecida para os colonos em terra firme também não era sortida. Servia-se carne da manhã à noite, fazendo com que o organismo de muitos ficasse debilitado e aparecessem as doenças. Mas não só a alimentação foi preocupação entre eles. O fato de descobrirem que estavam provisoriamente naquelas terras, esperando o desenlace da demarcação para poderem ocupar as Missões, deixou-os bastante inquietos. A maioria não possuía terras, precisava arranjar-se com os vizinhos e vivia sob o temor de ter de sair a qualquer momento.

O desespero e a insatisfação cresceram entre os colonos. Alguns arriscavam um desabafo para tentar entender os fatos:

- Então, que bela peça nos pregaram... el-rei está nos enganando... primeiro aquela viagem miserável. Perdi dois filhos nela. Depois, quando chegamos no Desterro, tudo parecia certo: grudamos o olho no coronel Escudeiro e o homem desconversou, desconversou, eram ordens de mandar a gente cá para baixo. Está bem, a gente vem. Mesmo, tinha outra solução? Chegamos. Grudamos o olho no General. Olha para a gente com pena, suspira, diz que sabe como está tudo ruim, mas que agora não pode nos atender porque foi incumbido por el-rei de fazer uma tal de... de...

- Demarcação - ajudei. (p. 79)

Assim ficaram os colonos: à mercê da demarcação e da boa vontade de alguém que quisesse ajudá-los, uma vez que o Edital de “El-Rei” não havia sido cumprido e nem explicado o motivo do não cumprimento da ordem real.

Na terceira e última parte do livro, registra-se finalmente a travessia de Rio Grande a Viamão, quando os colonos foram destinados a ocuparem provisoriamente terras de Jerônimo de Ornellas para ficarem próximos das Missões. À medida que os homens iam se assentando, passavam a tomar consciência da realidade da nova situação, em terras brasileiras:

- Escute: o edital que foi pregado na porta das igrejas das Ilhas, o que dizia?
- Ora, tanta coisa. - Procurei lembrar-me.
- Me refiro às terras que ganharíamos aqui no Brasil.
- A cada um, um quarto de légua em quadro.
- Uma data, como chamam. Que vem a ser? Uma chácara, nada mais. Mal dá para uma família. Bom. Até aí tudo estaria certo. Mas há quem recebe muito mais! Sesmarias!
- Colonos?
- Não. Paulista e outras gentes - bateu com o punho na mesa - e uma sesmaria nem se compara com uma data! É muito maior! - Com os braços abertos procurava dar uma idéia de imensidão. - Para que saiba, dentro de uma sesmaria, cabem cinquenta, sessenta datas. (p. 100)

Em meio a tantas terras, os colonos não possuíam qualquer pedaço. Estavam em terrenos particulares e nada podiam fazer, nem ao menos erguer um casebre para morar. Mesmo assim, não paravam de chegar ilhéus no porto do Rio Grande. Desembarcavam com uma grande desinformação das suas reais condições. Não sabiam que seu destino era também o porto de Viamão para, mais tarde, chegarem às Missões. Em contato com a dura realidade, muitos não agüentavam, sofriam demais, desistiam de tudo e buscavam a morte.

Os açorianos que para cá vieram eram conhecidos como os casais de “EL-Rei”, pois integravam um projeto das autoridades portuguesas de povoarem o máximo possível as terras do extremo Sul do País. Inúmeros deles vieram em diversas embarcações, cheios de esperanças e motivações para, em terras estrangeiras, passarem a limpo as diferenças e começarem uma nova vida.

Ao chegarem no Desterro, as incertezas começaram a surgir. Não havia um lugar definido para instalar os novatos e tampouco esses recebiam esclarecimentos diretos por parte das autoridades. Além disso, tinham que agüentar o clima de animosidade por parte daqueles que já se encontravam na terra e não admitiam tamanha desordem. Por causa dessa desarmonia, foram enviados para o porto do Rio Grande, uma vez que havia ordens explícitas para que toda e qualquer embarcação não mais permanecesse em solo catarinense, mas fossem para lá enviadas. Assim, os casais de “El-Rei” chegaram em terras rio-grandenses: desconfiados, mas ainda cheios de esperanças, pois o Sul do Brasil continuava sendo a terra dos sonhos.

Em solo gaúcho, a situação não foi muito diferente da de Santa Catarina. Continuavam pairando entre os colonos a dúvida e a incerteza, pois as condições ambientais eram mais precárias do que as do Desterro. Não existia uma organização para o assentamento, forçando os antigos habitantes a dividirem suas casas com os recém chegados. O projeto de “El-Rei” da distribuição de um quarto de légua em quadro não saiu do papel. Alguns ganhavam mais do que havia sido prometido, especialmente os moradores antigos, chegados com Silva Pais ou os paulistas que tinham sido fiéis às autoridades.

Essa situação começou a gerar um clima de revolta e desgosto entre os ilhéus que não acreditavam que Portugal pudesse abandoná-los dessa maneira: sem moradia, dinheiro e terra de onde tirassem o sustento. Além disso, nem as autoridades que estavam comandando o assentamento sabiam direito a validade do projeto, pois apenas cumpriam ordens, sem ao menos questioná-las.

A notícia de que eles teriam que povoar uma região ainda a ser conquistada pelo governo português - as Missões - abalou os ânimos dos imigrantes. Ninguém sabia quando e como esse local passaria para o domínio de Portugal. A única certeza que todos tinham era de que os colonos deveriam aproximar-se da região para, quando o dia da posse chegasse, já estarem próximos. Foi assim que se encaminharam para as terras de Jerônimo de Ornellas, nas quais foram recebidos em condições provisórias. Porém, enquanto alguns se desesperavam e faziam de tudo para não serem mais uma vez removidos, outros seguiam passivamente o destino, visto que percebiam que de nada adiantaria protestar: a sorte estava lançada e não dependia deles a solução, pois quem tinha o poder de decisão já não lembrava as regras estabelecidas para o assentamento dos ilhéus em terras do Sul.

A narrativa coloca-nos diante de uma perspectiva de censura e de desmitificação acerca da ocupação do Rio Grande do Sul. A denúncia dos percalços administrativos e da má vontade dos que aqui já estavam estabelecidos é evidente. Autoridades e colonos perderam-se num mar de burocracias, sendo esses os prejudicados por um projeto feito por quem não conhecia a verdadeira realidade.

Esperar foi o que a grande maioria fez. Distantes de casa, ou seja, deixando para trás uma vida, para darem início a uma outra, tudo lhes foi

adverso, e, para muitos, foi o início da ruína. Desiludidos com “El-Rei”, não lhes restava senão ter paciência e contar os dias para que a situação tomasse um novo rumo.

Todos esses acontecimentos foram registrados pelo narrador, Dr. Gaspar de Fróis. É ele quem nos conduz para essa aventura que começou em dois de janeiro de 1752 e estendeu-se até vinte de junho de 1753, ou seja, um ano e cinco meses de peripécias.

Médico formado em Coimbra, Dr. Gaspar de Fróis veio para o Brasil acompanhando os *casais de ilhéus* que para cá viajaram para povoar o continente. Como eles, também nutria uma esperança em relação à nova terra, pois buscava uma segunda oportunidade no Novo Mundo. Mortos mulher e filho, a Ilha Terceira ficou grande para ele e, além disso, como indivíduo inquieto e insatisfeito, marchava sempre para frente, abandonando os locais onde poderia iniciar a reconstrução de sua vida.

Apesar de se encontrar em situação clandestina entre os imigrantes, Gaspar de Fróis nunca sofreu qualquer tipo de restrição, pois sua profissão o isentava de suspeita. Como médico, ele possuía a senha para entrar na intimidade das personagens; nas mãos dele, estavam o poder da cura, de prolongamento da vida e a visão apurada, crítica e distanciada dos fatos. A lucidez e a formação intelectual fizeram Fróis ver as intenções ocultas do projeto, tornando-se muito preocupado com o bem-estar de seus conterrâneos. Na medida em que era procurado por eles, dava-lhes atenção e passava-lhes informações que julgava necessárias, sem que essas lhes tirassem as esperanças.

Ficamos, então, sabendo do que aconteceu porque o Dr. Gaspar o descreveu em seu diário ou transcreveu o diálogo completo dos que o

cercavam, fazendo uso do discurso direto. Ele se revelou uma personagem dotada de peculiaridades, além de demonstrar verdadeira coerência em seus pensamentos e ações.

Vamos acompanhar a trajetória completa dessa personagem: desde sua chegada no Novo Mundo até seu desaparecimento ao final da narrativa.

3.1 Uma imagem

A primeira referência que se obtém do médico português é fornecida por ele mesmo, quando se veste em sua cabina para almoçar com o Capitão Eleutério, comandante do navio que transportava os imigrantes para o Brasil:

Tem razão, o Aguiar. Não ando apenas “delgado de carnes”. Estou é magérrimo, as roupas sobrando um palmo de cada lado. Pudera! Motivos há! (p. 10)

Gaspar era magro e sua magreza tinha origem, em grande parte, nos problemas que enfrentava. Porém, mesmo assim, ele se questionava diante de sua própria imagem, sentindo que sua idade não lhe dava um aspecto de velho: estava com quarenta e seis anos apenas, no entanto, sentia-se com mais idade:

Afinal é moço, está na idade. Moço? E eu, que sou? Velho? Quarenta e seis anos – não posso ser um velho. Mas assim me sinto, mesmo que digam o contrário. Vivi mil

anos nesta viagem. Sinto-me mais apurado, mais participante do Universo que se move à minha volta. O sofrimento, tão brutalmente apresentado, serviu para dar-me, na pior das hipóteses, uma visão mais humana da vida e das coisas. (p.32)

Dr. Gaspar preocupava-se ao deixar transparecer as marcas e sinais do tempo. Para ele, elas eram reveladoras de seu íntimo, pois como dizia: “de tanto sol apanhado nas coxilhas e nas areias, formaram-se vincos profundos ao lado dos olhos. Diria: envelheci”(p.96).

Por trás desse físico miúdo e dessa imagem que julgava envelhecida, o doutor possuía uma força moral ligada à sua origem. Seu pai, Antão de Fróis, magistrado supremo na Ilha Terceira e viúvo orgulhoso de ter um filho médico, exibia-o com entusiasmo em passeios pela vila, pedindo-lhe, desde então, consideração com os mais desfavorecidos.

Enquanto os acontecimentos marcavam o rosto de Gaspar, também faziam-no crescer interiormente, como ele mesmo dizia: “O sofrimento, tão brutalmente apresentado, serviu para dar-me, na pior das hipóteses, uma visão mais humana da vida e das coisas”(p.32). Com um discurso firme, percebemos seu caráter puro, correto e coerente. Não sabia quem era e por que fazia determinadas coisas. Parecia estar num constante indagar e prestar contas de seus próprios atos:

Eu mesmo, quem seria? Ali, naquela vila batida pelo vento, longe de tudo o que foi meu mundo. Longe da vida. Das coisas. E, pior, procurando agarrar-me a um pedaço de vida, bem diferente da minha. A minha negação. A antítese. (p. 45)

O doutor representava a antítese no contexto em que estava vivendo, pois, desde o começo, fez oposições ao que achava injusto. Nos primeiros relatos da travessia no mar, começaram a aparecer os sinais de sua coerência; apesar de sua condição clandestina no navio, mostrava-se muito interessado pelas condições de saúde dos colonos e tocado pelas altas expectativas frente ao Novo Mundo. Parecia ser o mais lúcido de todos, ou seja, refletia diante das situações que para muitos não parecia óbvia. Sofria calado com as falsas esperanças que a maioria dos colonos nutria e ressentia-se por vê-los, muitas vezes, serem surpreendidos pela morte, sem, ao menos, enxergarem a terra de seus sonhos.

Gaspar não só era o mais lúcido como também o único que se empenhou totalmente com as questões humanitárias. Seu jeito preocupado de ser não o deixava apenas se preocupar consigo próprio. Por isso, via-se diferente daqueles que também poderiam agir como ele, salvando gente:

O General olhou-me curioso. Sua mente de administrador eficiente não poderia atingir aquelas filigranas de pensamento. Formou-se entre nós uma barreira, um muro de centenas de pés de espessura. Pertencemos a dois tipos, completamente opostos. (p. 64)

Ao acreditar ser diferente, Gaspar sentia-se superior e tentava resolver os problemas que apareciam, com a maior presteza possível. A crueza dos fatos estava ali, apresentando-se para ele como uma espécie de prova, para ver o quanto faria por aquele povo ou até mesmo o quanto agüentaria de tudo aquilo. O mundo a sua volta desmoronava e ele, Fróis, parecia ser o único que poderia consertá-lo, pois era assim que se sentia ao ser procurado para algum tipo de esclarecimento:

Era como se toda a multidão dos desamparados, dos famintos e desvalidos do mundo estivesse esperando de mim uma solução.

(...) Mas urgia falar. Afinal sou o doutor Gaspar. Aquele único que, dentro dessa ilha de mundo, tem obrigação de conhecer o direito e o avesso dos fenômenos. (p. 80)

Seu modo retilíneo de ser e ver o mundo não o deixava fugir de qualquer responsabilidade. Desse modo, sua imagem foi se solidificando onde circulava: entre os colonos e as autoridades. Sabiam e sentiam todos seu empenho em deslindar os fatos e, mesmo quando algo dava errado, ninguém nutria revolta contra ele, pois estavam diante de um indivíduo íntegro e merecedor de confiança.

O interesse que despertava entre os colonos levava-os também a ficarem atentos à sua imagem. A magreza do doutor era observada pelas pessoas que, quando o viam, resolviam alimentá-lo, como forma de agrado:

- Doutor Gaspar! Aqui na minha casa! Já de volta? Olhou-me. - Mas está... - Ia dizer "mais velho" - está diferente. Mais queimado do sol. - Virou-se para a mulher: - Vamos fazer uma sopa aqui para o doutor, que parece que não come há muito tempo! (p.98)

Dr. Gaspar de Fróis havia envelhecido; não mais questionava, como fazia no auge dos seus quarenta e seis anos, se ainda era moço ou não. Estava cansado e já mostrava isso em sua aparência. As pessoas que o conheciam e o avistavam acompanhavam sua decadência. Constatavam que em cima daquele *esqueleto* magro e inquieto estava pesando uma carga

muito grande, deixando-o cansado. Vários foram os convites para lhe proporcionar distração, visto que alguns acreditavam ser isso o que faltava na vida do doutor:

Agradei e assegurei que, se não chovesse ou não acontecesse nada de importante, iria. Mesmo, andava precisando me distrair um pouco.

- Que precisa, precisa. Está-se vendo que anda meio cansadote.

Até aquele homem rude, criado no campo, entre a terra e o vento, já notava as marcas que teimam grudar-se no meu rosto, que nem a barba em ponta, “à moda do Reino”, pode dissimular.

Cansadote... (p. 142-143)

Apesar de magro, barba embranquecida e meio *cansadote*, como alguns o viam, e de não ter um físico robusto, era gigante nas horas em que era necessário. Sua imagem era a de alguém com mais forças do que ele próprio poderia imaginar. Seu físico certamente não parecia ser um dos mais respeitáveis, mas assim o era: sua força vinha do interior, fazendo-o crescer quando tomava alguma decisão:

- Obedeça! Deu a ordem e ficou olhando.

E, de longe, viu a figura enorme dando passagem a uma legião de enfermos, levados às costas, enquanto um médico, de lunetas (já quase não vejo nada sem elas), magro, barba em ponta, chapéu tricorne, botas altas, cravava os olhos ferinos no arrogante. (p. 153)

A figura do médico magro, de lunetas, barba em ponta e usando chapéu tricorne, distinguia-se da dos outros habitantes do local: os

colonos usavam suas roupas típicas e as autoridades apareciam sempre uniformizadas e esbanjando saúde. Sua marca parece sempre ter sido essa: magro e de lunetas, pois de acordo com sua intensa rotina e suas preocupações, sua vida não seguiu um rumo regrado, com alimentação e descanso adequados. Seu sono era permeado por lembranças ou acontecimentos que o faziam sofrer durante o dia ou durante a sua existência: mortes, decepções, constrangimentos, enfim, tudo o que faz um médico sensível abarcar ao longo de sua jornada.

Desde os colonos até os administradores locais tinham no doutor Gaspar o seu referencial. Quase sempre ele era consultado para opinar sobre alguma decisão a ser tomada ou, muitas vezes, ouvir confissões, lamúrias e/ou lhe confiarem dinheiro, pois nem as autoridades, que possuíam essa função, tinham tal privilégio:

“Pegue doutorzinho – disse-me, dando-me um lenço onde estavam amarradas as moedas – só para vossa excelência eu posso dar esse dinheiro. Não dou nem para o capitão, que não confio nele” (p. 15)

Doutorzinho era um diminutivo carinhoso que alguns usavam ao dirigirem a palavra ao doutor, o que caracterizava ainda mais o prestígio que gozava entre os colonos.

Um dos poucos, para não dizer o único, que não simpatizava com o doutor e, por isso, com ele não interagia era o Frei Gonçalo, seu companheiro na embarcação dos Açores até a Ilha de Santa Catarina. Por intermédio de uma conversa entre D. Pedro e Fróis, tomamos conhecimento de

que o padre falou mal do médico para o capitão do navio, chamando-o de herético e, como tal, o próprio doutor não-lo relatou:

Contou-me que ouvira Gonçalo procurando convencer o capitão a não deixar-me mais cuidar dos doentes. “Que o senhor é um herético, um petisco para o Santo Ofício. Falou em livros ímpios sempre metidos na sovaqueira. Escritores franceses, degenerados, num navio cristão, católico. Insinuou até que o senhor fosse maçom.” (p. 21)

Frei Gonçalo era o único a traçar alguns comentários negativos a respeito do Dr. Gaspar. Ao tentar tirar o prestígio do doutor, que estava crescendo e diminuir-lhe as forças, o frei usou de todos os argumentos possíveis, pois não lhe interessava haver um médico a bordo, convinha-lhe que fosse somente um clandestino:

Mas Gonçalo não se deu por derrotado: argumentou da irregularidade da sua vinda, uma vez que só era para colonos, o transporte. Eleutério, com essa, perturbou-se um pouco. Mas, como sempre faz, atirou a culpa para outro. Para o Juiz encarregado de fazer as relações. Que ele só recebera nomes e o seu estava apenas “Gaspar de Fróis, viúvo, quarenta e seis anos”. Nem indagara mais nada. Se reclamassem no Desterro, iria negar conhecer o seu ofício. (p.22)

Mas, se para Frei Gonçalo não havia motivos para cumprimentar Dr. Gaspar pelo seu jeito de ser, para outros havia motivos de sobra, pois com a sua maneira franca e objetiva de falar o que pensava agradava a muitos. Enquanto uns temiam expor sua opinião sobre os fatos que se

desenrolavam, ele, pelo contrário, usava de uma franqueza que chegava a assustar. Falava o que pensava, sem medo de reprimendas. Via que toda aquela gente transformava-se em marionete nas mãos de quem nem ao menos queria arcar com alguma responsabilidade. Com essa franqueza, conseguia explicações das autoridades para o que estava acontecendo:

- Quero cumprimentá-lo pela franqueza. A verdade... a verdade é que estamos pobres, famintos, e sem auxílio de Lisboa. Do prometido, que recebi? Pouco ou quase nada para dar a esta gente. E como vou dar o que não possuo? Onde estão as enxadas, os animais, o grão, as ferramentas? - Com a mão direita enroscava a barba. Ficou alguns instantes olhando para o mar. "Veja", - dizia - "de 25 de janeiro até hoje, já recebi três navios, com colonos. Só este ano são perto de mil e quinhentos ilhéus..." (p. 29)

Cada vez mais crescia o número de indivíduos que o procuravam para diversos fins. De médico passava a conselheiro, e de conselheiro a confessor e pai era um instante. No hospital onde trabalhava e morava, não era somente a doentes que atendia. Assistia também aos sãos, pois esses o procuravam para se aconselhar com o doutor. Autoridades o consultavam para se sentirem mais seguros:

O coronel sentou-se a meu lado.
- Doutor Gaspar, necessito aconselhar-me. Nesta terra miserável não há uma pessoa capaz de dizer-me algo que preste. Suas imaginações somente chegam ao ponto onde a minha começa. (p. 31)

À medida que o procuravam e ele ia se transformando em conselheiro ou confessor, mais o doutor sentia-se comprometido com esse povo, tornando-se sua única preocupação o assentamento e o bem-estar dos colonos, que ele considerava sua gente. D. Pedro, fidalgo sem terra no meio dos ilhéus, procurou Dr. Gaspar para se aconselhar sobre seu destino. Estava em dúvida se aceitava ou não as terras oferecidas pelo Coronel Escudeiro. Essa decisão teoricamente não seria difícil, face às dificuldades de alojamento de todos, mas, mesmo assim, precisou do aconselhamento e do aval do doutor:

- Desculpe. Sabe, é que tive um oferecimento de terras aqui mesmo. O coronel Escudeiro está empenhado em me ajudar. Aceito?

- Para o seu bem, aceite. Fique aqui mesmo.

- Não sei. Acho que com isso, trairia o meu povo.

Olhou-me com a mesma expressão digna de tristeza. Os olhos, mais fundos e mais negros.

Sentei-me. Limpei o suor da testa, encarei o homem, que esperava uma resposta.

- Lembre-se. Não será o primeiro nem o último. (p.34)

Naturalmente, o médico começou a intermediar as informações e as relações entre os colonos e as autoridades. Agia como se fosse representante deles; fazia integração sempre que podia, pois sua maior preocupação era ver os colonos instalados da melhor maneira possível. Ouvia reclamações de uns, queixas de outros, mas nunca emitia uma palavra que colocasse em antagonismo colonos contra colonos, autoridades contra colonos ou vice-versa:

Dirigiam-me a palavra, esperando alguma notícia, posto que fui, à minha revelia, escolhido para ser o intermediário entre

eles e o Poder. Quando vamos? Não sei. Talvez dentro de alguns dias? Quem irá? As listas estão sendo feitas. Desculpem que não tenho muita notícia. Pudessem eu resolver todos os problemas o teria feito há muito. (p. 37)

Como não o viam somente como médico, Gaspar não ficou restrito apenas aos seus serviços de saúde. Movimentou-se por tudo, indagando, observando para ver a seriedade do projeto. Para os colonos, marcou presença não- somente por suas práticas médicas, mas como aquele que se preocupava com seus conterrâneos; como aquele que, apesar de muitas vezes descrente, tentava de todas as maneiras ajudar a abrir-lhes os olhos para a verdade.

Transitando de um lado para outro e cumprindo ora sua função de médico, ora indo conversar para se inteirar dos fatos, Fróis notou a diferença entre os açorianos que já estavam em terras sulinas e os casais de “El-Rei”, mandados com o propósito único de povoar. Via que os que estavam aqui não queriam perder seus privilégios, pois já tinham suas terras e não estavam dispostos a dividi-las com ninguém.

A atenção e a paciência que lhe eram comuns, dada a sua profissão dedicada, fez Gaspar ser visto com maior segurança e consolidar o seu papel de confessor que ele aceitou sem qualquer resistência. Os colonos eram, sem dúvida alguma, os que mais procuravam Fróis para se aconselhar, reclamar, saber de alguma novidade ou simplesmente para desabafar suas angústias. Ele era uma espécie de amparo para quem o procurava, porque bem ou mal saíam reconfortados com qualquer resposta que o doutor lhes dava.

Mesmo os que se encontravam fora de suas faculdades mentais tinham no doutor uma referência. Era a ele que chamavam e atendiam na hora do desespero. Um colono, atendendo por nome de Antônio, entrou em surto após ser intimado por soldados do General Gomes Freire, a partir para o porto do Dorneles e foi apaziguado pelo médico:

Estava medindo os pró e os contra da minha ida, quando fui interrompido. Gritaria, zoeira na frente do hospital. Um louco. Agarrado por dois. Voavam pontapés para todos os lados. Os rapazes que o continham venciam a custo a força de que estava possuído. “Querem me matar! Querem me matar!” já lhe tinham tirado a camisa.

Cheguei perto. Não é velho. A barba por fazer. Sobrancelhas cerradas. Fixou-me um olhar transtornado, perdido. “Não adianta - gritava - ninguém pode me ajudar! Querem me matar! Querem me matar!”

(...) Mandei que largassem o louco.

Subitamente solto, ficou parado, as pernas abertas, olhando para os lados.

- Viu? - perguntei-lhe. - Quem quer te matar?

Os que estavam em volta admiravam o bicho, com perplexidade. E medo. Ajoelhou-se. Lentamente veio se arrastando até onde eu estava. Agarrou-se às minhas botas. Começou a chorar. A princípio mansamente, depois soluçava:

- Paizinho, paizinho!” (p. 91)

Assim todos sentiam-se após ouvir o doutor: reconfortados e esperançosos de uma vida melhor. Os homens procuravam o Dr. Gaspar de Fróis como se ele fosse um remédio para os seus males, como se falar com ele equivalesse a tomar uma medicação e matar o mal em sua origem.

Fróis acompanhou a jornada dos colonos e, mais do que eles, viveu por inteiro os momentos na nova terra. Nada fugia de sua observação ou de sua opinião. Para os que estavam envolvidos na demarcação, Gaspar falava abertamente do péssimo planejamento do projeto. Porém, aos que sofriam, aos que dependiam dele, o doutor contemporizava pedindo-lhes que depositassem confiança tanto nele quanto no Rei.

Foi o único, desde o começo, a perceber as falhas do projeto e o destino dos que dependiam do bom planejamento do projeto. Esta mesma lucidez encaminhou-o para a degradação total, pois à medida que o tempo foi passando e os problemas aumentando, Gaspar conscientizou-se dos seus limites. Aos poucos começou a ficar abatido. Quando algum colono desesperado e com raiva procurava-o para desabafar, não encontrava argumentos suficientes para convencê-lo do contrário. Paulatinamente, foi perdendo sua estrutura interna. O enfraquecimento da carne e do espírito passou a ser visível para todos, inclusive para ele. Alguns o percebiam *cansadote* e ele próprio já encontrava em seu rosto marcas do tempo e da derrota.

Com a morte e demência de alguns colonos, acrescidas de decepções sentimentais, Gaspar declinou de seu papel, abandonando seus ideais, os colonos e, principalmente, a si próprio. Essa situação é registrada por Regina Zilberman que credita ao conhecimento do fracasso do projeto a causa da decadência dos homens: “À medida que passa pelas regiões (Desterro, Rio Grande, Barra do Chuí, etc.) e verifica os diferentes desconcertos do sistema

administrativo lusitano, afunda na misantropia, até a alucinação final que o faz desaparecer da terra.”⁴

Envelhecido e fraco, entregou-se ao vazio e ao desaparecimento como uma espécie de punição pelos seus fracassos, pela lucidez demasiada diante dos fatos e a incapacidade em alterar a situação. Com a força e a certeza de que tudo poderia resolver, foi surpreendido pelas desilusões que a vida oferece. Aquele que se tornava um gigante na hora de resolver os problemas e tomar decisões, ficou menor e desiludido:

De repente, senti-me só, como nunca me havia sentido. Minha sombra alongada, na areia, dava a triste ilusão de um gigante. No entanto, era minúsculo, presa fácil tudo o que me impressionava. (p. 126)

Amargurado pelas decepções sofridas, tornou-se frágil diante das circunstâncias. Em seu romance com a mulher do Tenente Covas, sentiu-se como um bobo da corte: “De fato, vesti a roupa de bobo, andava a divertir a corte da rainha D. Maria das Graças, Imperatriz de mil lacaios, cujo príncipe consorte, a mascar o bigode, já a tinha como a coisa mais segura e garantida deste mundo” (p. 126). Chorou ao ver-se assim tão frágil e tão impotente diante do destino:

Chorei.
E as lágrimas, escorrendo, pingando na areia, confundiram-se com o rastro das lagartixas. (p.126)

⁴ ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 114.

Gaspar sentia-se não só diminuído como tinha a consciência da complexidade dos fatos. Para um ser como ele, cheio de ventura

e determinação frente à vida, admitir a impotência era destruidor, era o caminho do desespero.

As forças do doutor foram se exaurindo. As lágrimas eram indícios de um abalo que não tinha volta. Um abalo que foi crescendo e, à medida que isso ia acontecendo, deixava-o mais reflexivo numa tentativa de achar seus erros e se perdoar, amenizando, assim, um pouco a sua culpa. Refletiu sua posição diante do mundo e, em função disso, tentou tirar algumas conclusões:

Amesquinho-me, humilho-me. Vejo que toda a atitude perante o mundo é, antes de mais nada, consequência de uma situação individual, única, que fica a ditar as diretrizes do pensamento. Qualquer abalo de ordem moral, qualquer estremeamento de natureza íntima, pode fazer ruir, de um momento para outro, um castelo de sólidas idéias e sedimentadas convicções. (p. 135)

As sólidas idéias e suas sedimentadas convicções em que tanto acreditava ruíram. Ao refletir sobre sua situação, sobre sua permanência no Novo Mundo e, também, sobre sua relação com D. Maria das Graças, constatou que o saldo foi negativo, pois só conseguiu acumular decepções, frustrações, humilhações. Viu-se, então, não como um ser diferenciado, mas como um homem sofrido, igual aos colonos, identificando-se com eles nos mesmos desejos.

Contabilizando e analisando cada momento de sua vida e, ainda não totalmente vencido, foi procurar forças em outras paragens. Levou consigo o amargor das derrotas e a responsabilidade do que julgava ser seus erros, mas admitia estar executando uma fuga:

Emalo também as coisas que estão por vir: as esperanças ainda não totalmente abandonadas. Vai junto um pequeno cadáver amortalhado em crepe. Este levo-o como consciência dos meus desmazelos, das minhas incoerências, dos meus pequenos ridículos.

Fascina-me fugir, não deitar raízes, especialmente em solo tão pouco fértil. Se antes tendia a uma quietação de sentimentos e querer, agora albatroz tornado, procuro outros ares, novas paisagens, fatos ainda não presenciados. Mas sempre que me ficou, no final, um gosto não desejado de fel. Não tenho de, não posso dar-me ao luxo de cuspi-lo. Devo engoli-lo até à última gota, sentindo bem seu paladar, para que se me revele com todo o seu amargor. (p. 164)

Desde sua saída de Açores, ou seja, da sua fuga das Ilhas, Dr. Gaspar, foi deixando um pouco de si pelo caminho: *“A cada milha que navegamos, algo vai ficando de mim no rastro da espuma.”* (p.15). Sujeito sensível, sofria ao ver que estava diante do incerto, que tudo podia acontecer e resignou-se em aceitar seu destino. *“Agora, eis-me à frente do meu destino. Empurrado por uma gigantesca mola, não posso retroceder. É abarcar tudo o que vier pela frente.”* (p. 26).

Abarcou o que pôde e se responsabilizou por tudo de negativo que viu acontecer até perder a confiança em si próprio:

- Médicos nunca têm nada! - Respondeu espantado.
- Sei, sei, é como se tivesse o veneno e o antídoto no corpo...
- É! - Dizia a coisa mais natural e óbvia do mundo.

E se te dissesse, meu tenente, que não só tenho o antídoto como possuo vários hectolitros do mais trágico veneno dentro de mim, fabricado por mim mesmo, engarrafado nas minhas destilarias internas? Não, nunca entenderias, oficial, que eu tenha me desavido comigo mesmo, pois é algo que nem eu compreendi até hoje. (p. 165)

Dr. Fróis sabia que algo não estava certo: ou ele ou o resto do mundo, pois os fatos iam tomando o seu rumo, apesar de seu olhar desconfiado:

Tudo segue seu rumo. Começo a pensar que tudo acabará bem. Se me perguntassem a razão, não saberia dizer. Apenas um sentimento impreciso, de que sempre alguma coisa não estará certa: se não sou eu, é o mundo. (p. 166) Grifo nosso.

Culpou-se até o final e responsabilizou-se por toda e qualquer desgraça acontecida com ele, com os colonos ou com qualquer outro indivíduo pelo qual se julgava responsável:

E prometeram mil promessas e cumprem mil desenganos.
Tal como eu te prometi, Ana, e não cumpri.
E me envolvi em ridículo, tentando viver.
Esquecido de ti, do Antoninho, atirei-me fundo numa loucura que de antemão deveria saber que a nada conduziria, como de fato não conduziu a nada.
Já não tenho só a ti, morta por meus desatinos: também Lorvão e a criança que não pode me ver. Por minha inércia agora

conduzo este povo à desgraça. Porque sou capaz, inteligente de universidade cursada. Nada me poderia ter impedido de fazer o que não fiz. Sei que me olham com desprezo. Só não me atiram na cara a minha culpa por medo ou respeito. (p. 178) Grifo nosso.

Finalmente, entrou num processo de autopunição, pois acreditava que os colonos o estavam culpando pelas adversidades acontecidas. Sua cobrança foi tão grande que, inconscientemente, se achava no direito de ser julgado, punindo-se em seus sonhos:

E riam, jogando-se para trás. Às vezes olhavam-me com asco.

Subitamente, o padre levantou-se, com quatro réis na mão. Ria com a boca desdentada, murcha. Olhos caindo para fora das órbitas, cacareja a vitória:

- Ganhei! Ganhei! Miguel, ganhei! Hi! hi! hi! ha! ha! ah! Ganhei!

Rodava e pulava, dançando num pé só.

- Quero... hi! hi! hi! quero... a paulada. A pauladas! hi! hi! hi! ... e depois, direto ao inferno!

E vieram todos, tenebrosos, com enormes pedaços de madeira na mão. O primeiro golpe foi dado pela criança. Depois, outro, pela mãe.

Fui caindo, entontecendo, vendo minha roupa manchar-se de sangue vermelho, brilhante. Meu próprio sangue! Não conseguia mover-me nem falar. Sentia meus ossos se quebrarem, rachar minha cabeça. Sem tréguas, um a um cumpriu a sentença.

- E ao inferno! Para o Satanás! hi! hi! hi! (p. 182) Grifo nosso.

Consumido e disposto a abarcar com a culpa dos erros e fracassos ocorridos, não cuidou da sua vida profissional e pessoal, deixando-se cair na desgraça.

3.2 Um olhar

Na longa travessia por mar que o doutor Gaspar fez junto com os casais portugueses, preocupou-se com diversos setores, desde a saúde dos colonos até a finalidade que cada um tinha em relação à vida. Foi uma viagem muito difícil, principalmente para os colonos que contavam com um número significativo de mortes entre seus pares, devido ao mal-de-luanda. Essa moléstia espalhou-se entre eles, porque as condições de saúde da maioria estavam debilitadas, causando preocupação e aflição no médico açoriano:

- Mas tão abatido, doutor!
- Outro que se vai.
- Assustou-se:
- Quem? Colono?
- Só colono morre de mal-de-luanda. O senhor sabe.
- Passou a mão pelo queixo, preocupado.
- Piscava seguidamente.
- Morre será?
- É quase certo. Já o mandei para baixo,
- E mais esta, agora!
- Se morrer, será o sétimo, desde que saímos. Até chegarmos completaremos umas duas dezenas. Bom número, não?(p.11)

Cercado por doenças e mortes, doutor Gaspar começou a perceber as falhas dessa aventura, observando a embarcação que os transportava de Portugal para o Brasil. Enquanto o comandante do navio

procurava um culpado que não fosse ele mesmo, por tudo o que estavam passando, o doutor já apontava os faltosos. Para ele, tanto o Coronel Escudeiro, que os esperava em Santa Catarina, como o Rei de Portugal, mentor da investida em povoar o Sul do País, eram responsáveis por esta situação. Ambos não tinham conhecimento de como os colonos estavam sendo transportados para a região em que seriam assentados.

As condições que o navio apresentava eram o primeiro grande motivo das fragilidades dos colonos. Não se tratava de uma embarcação adequada para se fazer uma travessia pelos mares. O navio não possuía cobertura e os que dormiam no convés ficavam ao relento, à mercê das intempéries. Muitos adoeceram assim: expostos às alterações da natureza, contraindo febre e outros males.

No porão, porém, ficavam os mais debilitados, os que sofriam de mal-de-luanda, tendo que dividir o mesmo espaço, sem qualquer possibilidade de renovação do ar. Não havia um controle adequado de entrada e saída de colonos. Muitos apenas desciam ao porão e não eram mais vistos. Tanto no convés quanto no porão o número de colonos era grande. Não havia espaço suficiente para todos na parte externa do navio, tendo que se encostarem uns aos outros para poderem ter, no máximo, um sono sobressaltado. Com isso, a disseminação de pragas também era constante:

Não é preciso dizer que esta intimidade é fonte de disseminação de pragas, especialmente a do piolho, que já atacou todos nesta embarcação, desde o capitão até o último grumete. (p. 16)

Doutor Gaspar enchia-se de apreensões em meio a tantos males e envolvia-se com pensamentos funestos. Mexia com seu íntimo presenciar a morte de seus conterrâneos sem ao menos conhecerem a terra de

seus sonhos, sem sequer chegarem em terra firme e olharem para aquela que seria sua nova casa. Observava a resignação e a esperança nos olhos de cada um que atendia no navio. Sabia que todos queriam chegar, não importava a que preço fosse. Vários escondiam as doenças, enquanto outros não tinham voz nem mesmo para protestar contra os maus tratos recebidos na viagem.

Fróis mergulhava em reflexões, tentando compreender o propósito de cada um naquela embarcação. Alguns lhe faziam confissões ao passo que outros lhe confiavam algo, algum dinheiro para doação, no leito de morte. Esses gestos levavam-no a pensar na sorte dos homens e o inspiravam a imaginar a batalha e o esforço dispendido para conquistar um novo mundo:

Quantas canseiras, quantas lutas, para juntar aquele pouco! O que pretendia fazer com esse dinheiro? Quando muito, comprar algum arado e animal. Mas era a sua fortuna. Com esse início ainda sonhava conquistar o mundo. (p. 15)

Doutor Gaspar refletia com mais intensidade diante das fatalidades porque, como eles, também esperava algo da nova terra. Nutria a seu modo a expectativa de um lugar naquele mundo. Os colonos eram os mais afetados, uma vez serem eles os que faziam parte de um projeto e, para eles, foram feitas promessas. Atrás dessas ofertas, registradas em um edital, vieram cheios de esperanças para o Sul, acreditando num recomeçar, pois como diz Fróis “realmente, todos esperam. Esperamos vivendo “entre”, perdidos no meio de um oceano que não é só de águas, mas também de dúvidas, de perguntas, de longas indagações.” (p. 20).

Em terra firme, ao contrário, as preocupações do doutor ao invés de diminuírem, aumentaram. Mais uma vez seu olhar voltou-se para as condições de saúde dos colonos. Estavam no Desterro, mas já dormiam com a

certeza de que ali não permaneceriam e com a incerteza de seus destinos. Resignaram-se, inclusive o doutor que não possuía um lugar decente sequer para exercer a sua prática:

O hospital - não se pode chamar, mesmo, de hospital - é de uma pobreza alarmante. Não se tem o mínimo para curar. (p. 33)

Com suas opiniões pessoais, o doutor Gaspar marcou presença: desde colonos até autoridades o respeitavam. Em terras do Desterro, destacou-se, mostrando preocupação e indignação ao saber que ali não ficariam, mas seriam mandados para o porto do Rio Grande. Incrédulo, não pôde acreditar nas palavras do coronel que lhe relatava as ordens recebidas de “El-Rei”, sobre o destino dos recém-chegados. Neste momento, começou a olhar o projeto de povoamento do Sul do país com desânimo e desconfiança. Ao mesmo tempo em que as evidências estavam a sua frente, colocava-se ao lado dos colonos, mesmo em oposição às autoridades:

Senti o sangue afluír à cabeça. Não conseguia achar palavras:
- Quer dizer que ainda não terão paz? Nova viagem... quantos mais morrerão? Mas não há mais terras em Santa Catarina? O Desterro já está cheio?
- Ainda há terras, e muita. Acontece que estes colonos últimos, os deste ano, têm uma destinação especial. O doutor deve conhecer o tratado de Madri...
- Sim. Portugal trocou a Colônia do Sacramento pelas Missões. Não achei boa troca.
O Governador olhava o bico das botas.
- Os novos colonos destinam-se justamente a povoar as Missões.

- Enlouqueceram, em Lisboa? Quem vai desalojar a indiarada? Além do mais, quererão os colonos ir?

- Nossas tropas tirarão os índios. Depois de tudo pacificado, os ilhéus vão para lá e ocupam tudo aquilo. Com ou sem vontade. (p. 30) Grifo nosso.

Em meio a essa notícia e a tantas indagações, doutor Gaspar resolveu acompanhar seus conterrâneos, ou seja, decidiu rumar com eles para Rio Grande, já sentindo-se responsável por aquela gente a quem acompanhou na viagem. Não conseguia ter uma atitude passiva em relação aos fatos, principalmente diante das autoridades. Tentava de modo claro e natural chamar para a realidade outros que pudessem ajudá-lo a entender e resolver a política de assentamento.

Quando ouvia algum comentário negativo em relação aos colonos, retrucava, defendendo-os sempre que possível:

- Talvez nós, açorianos, nunca chegaremos a entender os reinós. Nunca entenderemos por que somos sempre preteridos em relação ao pessoal da metrópole. Veja agora: há que tapar um buraco, há uma região difícil, toca a reunir os ilhéus e, quer queiram, quer não queiram, devemos ir. Foi um embuste muito bem aplicado. Quando tudo parecia pronto, quando os colonos estão prestes a receber suas terras, quando pensavam já terminada a sua provação, eis que se apresenta novidade: ir povoar lugares perdidos, numas Missões que nem se sabe ao certo onde ficam. Acho que por esses motivos o desentendimento entre os portugueses e ilhéus será perene. (p. 38)

Ao ser convidado pelo Governador do Desterro para conhecer o estado dos que haviam chegado antes, admirou-se com a organização e preocupou-se com a situação do Rio Grande. Não sabia se encontraria alguém com coragem e vontade de organizar os colonos, quando aqui chegassem. Cheio de dúvidas, Fróis desembarcou no porto.

A segunda viagem marítima - do Desterro ao porto do Rio Grande - apresentou-se diferentemente da primeira, pois a travessia foi mais tranqüila. Os colonos receberam um tratamento melhor: não precisavam dormir no convés, podendo abrigar-se das chuvas; a comida contribuiu para que não contraíssem doenças, diminuindo o trabalho do doutor:

A viagem prossegue. O capitão desta sumaca é mais gentil que o outro, o que nos trouxe das Ilhas. A nossa é a primeira embarcação do comboio; as outras duas vêm atrás, mas não se consegue vê-los. Os colonos, desta vez, estão sendo mais bem tratados. Sente-se a mão do Escudeiro. Ao menos não dormem no convés. Se chove, têm onde abrigar-se e a comida é melhor, se bem que não muito variada. É comível. Isto significa que não tenho trabalho. Não se manifestou nenhum caso de mal-de-luanda. (p. 58)

Ao descer, foi surpreendido pela notícia de que os colonos ficariam temporariamente ali, pois o porto era local provisório para os que estavam chegando. Viamão seria o destino certo até segunda ordem. Para o médico, foi como se tivesse ingerido uma substância letal que estivesse envenenando o seu sangue e não existisse qualquer antídoto para reverter o

quadro. Nesse momento, o sentimento de revolta que desejava expressar foi amortecido pelo cansaço e pela evidência dos fatos:

Subitamente, outro problema, e bem maior, passou a preocupar-me.

- Quer então vossa excelência dizer que todas as terras adjacentes estão ocupadas?

- Exatamente. Até lá em cima, Viamão. Restam apenas algumas datas isoladas aqui em volta e outras mais para o norte.

- Então os colonos estão aqui provisoriamente?

- Mais ou menos. Quando as Missões estiverem livres de índios, irão para lá.

Sentei-me, mesmo sem ordem. Um profundo cansaço. A inutilidade de vidas e vidas, jogadas de cá para lá. Peças de um jogo de damas. Quis revoltar-me. Porém, a evidência venceu. (p. 63)

Sua perspicácia para avaliar a situação humana demonstrou-se mais forte na fase de sua vida em que conviveu diariamente com as famílias portuguesas, em solo gaúcho. Depois de uma curta travessia no mar, chegaram sedentos de uma boa recepção. A comida melhorou, porém não era variada, sendo servida muita carne, caindo no extremo da situação encontrada durante a travessia marítima. Com essa dieta, apareceram os doentes, fazendo doutor Gaspar enfrentar mais uma vez as autoridades para falar, em princípio, das condições de saúde dos açorianos:

- Ando meio preocupado, General. Com a comida dos colonos.

- Não é boa?

- Talvez seja boa demais. Se antes não tinham carne, agora a têm em excesso.

- E isso não é bom? - Cruzou os braços, entre incrédulo e desafiante.

- Tenho que não. Aliás, o doutor Fradique acha o mesmo. Precisam também de muita verdura, leite e ovos.
- Vejo que lhe falta um pouco de prática nas coisas da terra.
- Falta, mesmo. Mas da medicina garanto que entendo. (p. 63)

O episódio sobre a alimentação exemplifica um dos tantos encontros do doutor com as autoridades para falar de assuntos relacionados com a vida desses estrangeiros em terras brasileiras. Assim como ele procurava os responsáveis para discutir sobre as condições de saúde dessa gente, também os procurava para se inteirar do assentamento dos homens. Como uma pessoa mais instruída e com poder de liderança, expressava sua opinião sem medo de reprimendas:

- Lá cá eu também não tenho culpa, coronel...
 - Afinal, se eu nem o senhor tem culpa, de quem é afinal a culpa? De el-rei?
 - Não, não disse isso, longe de mim.
 - Ou será do arrematador, seu chefe?
 - Creio que também não.
 - Do Conselho Ultramarino?
- Resolvi intervir:
- Acho, se me permite dizer, a culpa não é de um nem de outro, mas de todos juntos. (p. 28)

Seu olhar crítico sobre os fatos valeu-lhe à sua revelia o cargo de representante dos colonos junto às autoridades, além do respeito dos que o conheciam. Entendia a fragilidade do projeto e tentava olhá-lo por outro ângulo, quando discutia com outrem sobre ele, principalmente em se tratando do acordo entre Portugal e Espanha sobre as Missões:

- Acredita realmente, padre Bartolomeu? Acredita que um dia será de Portugal? - perguntei.

- Bem, no papel já é, *ma...*

- Mas de fato não é - respondi-lhe. - Há lá uma civilização, um reino, solidamente estruturado, com economia própria, com costumes próprios. Não tem nada a ver com Portugal! E digo mais: nem com a Espanha. (p. 75)

Antevia os fatos porque não precisava obedecer cegamente a alguém, somente a sua consciência. Sabia que as Missões eram um alvo perdido, pelo menos para o momento, era um ideal que Portugal não conquistaria tão facilmente:

- Acredito que é assunto perdido - respondi-lhe. - As Missões nunca serão de Portugal. E, o que é muito pior do que isso, os colonos terão de ser espalhados a esmo, onde houver terra ainda sem dono. De um plano urdido habilmente, o que sobrou? A tristeza, a fome, a descrença no rei. (p. 77)

Alguns tentavam dissuadi-lo, procurando convencê-lo do contrário, de que as Missões não era um assunto tão complicado, mas não obtinham sucesso, pois o doutor Gaspar estava inteirado da situação, uma vez que seu olhar recaía em tudo o que estivesse relacionado com os colonos:

- Mas já encontramos *qui*, quando chegamos, alguns *azoriani*.

- É verdade, mas não são os casais de el-rei, do contrato. Vieram contrabandeados em navios mercantes. Tiveram o privilégio de conseguir terras devolutas, das que sobraram às que foram dadas aos militares. Ainda dias atrás tive oportunidade de falar

com um desses militares-estancieiros. Opõem-se a qualquer gente nova que venha, pois constituem ameaça aos seus privilégios. (p. 78)

As conversas que mantinha com as autoridades, associadas às visitas que os colonos lhe faziam, deixavam-no muito deprimido. Sabia que eles, de uma certa forma, pressentiam a verdade, apesar de não saberem exatamente o que estava acontecendo. Entristecia-se, impacientava-se com sua impotência diante dos fatos. Cobrava-se, introspectivamente, de sua incapacidade para reverter a situação. Seu íntimo consumia-se de tanta apreensão pela desconsideração para com uma gente que apenas procurava viver da melhor maneira possível. Por isso, sentia-se esmagado:

Os argumentos soterravam-me.
O tratado... a demarcação... um bonito papel, assinado em Madri, por dois titulares enluvados, em uma sala ricamente mobiliada, sob o olhar terno de algum príncipe da igreja cheirando rapé. Gente que de poeira só conhece a que levanta de sua carruagem com destino às festividades oficiais e menos oficiosas. E a fidalguia: America? Onde? Ahn... Com um monóculo. Aqui embaixo? Que rio é esse? Como? Da Prata? Então deve dar muita prata! E aqui... deixe ver... Rio... Rio Grande de São Pedro. *Pero es de Portugal! Sí, sí, claro, es desde 37, no? É mesmo. Y acá? Misiones... es nuestra, no? Desculpe. Cambiamos por la Colonia del Sacramento, verdad?* (p. 81)

À medida que as dificuldades apareciam, Gaspar ia sendo solicitado pelos companheiros de viagem e sua responsabilidade aumentava. Foi o único a perceber a inexperiência dos executores do projeto e a pouca boa

vontade dos mesmos. Como acreditava na vida, tentou acreditar também no recomeço de tudo e assim foi vivendo esforçando-se para crer que muitos fatos processar-se-iam diferentemente.

A amputação de uma perna, se fosse para salvar uma vida, não lhe era tão sofrida quanto ver os companheiros de viagem sendo tratados com descaso, sendo cobaias de burocratas sem experiência. Falava para uns e outros que a situação catastrófica que estavam presenciando, certamente iria melhorar mas que o momento era de tranqüilidade, cautela e paciência, para dar tempo a que os assuntos burocráticos fossem entendidos e solucionados.

Sem expressá-lo explicitamente, o doutor Gaspar nutria um desejo de união entre os povos. Mais do que ninguém sabia que não havia volta e que esses homens não poderiam retornar às origens, pois seria aceitar a derrota. Ao mesmo tempo que seu olhar dirigia-se aos pontos frágeis do projeto, encontrava a semente da formação de uma nova região, da formação de nossa gente:

Os antigos moradores, em geral aventureiros paulistas, tropeiros de má catadura, habituados a correr gado alçado pelo campo, agora têm vislumbrado um novo modo de vida, mais sóbrio, mais doméstico. Mais afamiliado. (p. 82)

Os imigrantes que iam se ajeitando por Rio Grande também, sem o perceber, estavam se arranchando pela terra. Na medida em que o tempo passava, o doutor presenciava essa aceitação. Como tinha livre acesso por todo o povoado, entrava e saía em qualquer habitação, constatando tanto as misérias e incertezas dos moradores quanto as lutas e esperanças. Observava

que a integração estava batendo em cada porta e parecia estar sendo bem recebida, ao que tudo indicava:

- Agora já se come outras coisas - disse a mulher. Estamos fazendo ver a esses cabeças-duras que se pode comer outras coisas sem ser carne, carne, carne. (p. 100)

Percebia nos contatos que tinha com os colonos a maneira como eles reagiam diante dos fatos. Mesmo sobressaindo algumas críticas, sentia a vontade de cada um de se agarrar à terra e dela nunca mais sair. O desejo de verem pronta a construção da igreja era o maior indício de que queriam criar raízes, não se sentirem mais estrangeiros:

Nem Laio, nem Brum, davam-se conta de que falavam para engancharem-se à terra. Ambos sentem como tudo está incerto, sobre ambos paira mesmo o medo. De um momento para outro - toca subir tudo! Missões... o nome deve arrepiar. No fundo, imagino que sempre ficará um desejo de que nada disso aconteça, e que as raízes cresçam, frutifiquem os ramos, e a árvore se torne dura de arrancar. A igreja, quanto mais largas as paredes, quanto mais pesada, mais afirma sua solidez na terra, mais torna os colonos participante de uma realidade sem volta. Daí a pressa em erguê-la, em vê-la rebatendo os sinos alegres nos domingos ensolarados. (p. 148)

Com sua lucidez e formação intelectual, Fróis conseguiu entender ambos os lados do intento, as suas verdadeiras intenções. Médico, leitor de grandes obras, indagava as autoridades a respeito da desorganização do plano, tentando colocá-las diante da realidade, pois mesmo desejando dias

melhores surgiam momentos de incerteza no encaminhamento do assentamento dos açorianos:

- Mas virá muito mais gente, General! -
Intervi. - Será tudo feito assim, desordenadamente? Já em Santa Catarina passaram maus bocados.

- *Credo que il dottore tem razão, generale. Não se pode esquecer que soluzioni precarias sono admissibiles quando la soluzione finale è pronta.*

O General virou-se:

- E acha que logo as Missões não estarão desocupadas, padre?

- *Io non lo so, non lo so...*

- Mas sou militar e lhe asseguro, padre Panigay, que se fará tudo *pronto*. (p. 90)

Encontrou solidariedade no padre Panigay no tocante a defender os colonos, pois o clérigo sabia de seu envolvimento e preocupação com esse assunto. Com o pároco da capela local, o diálogo era diferente e Gaspar interrogava-o assim como o fazia com o General.

Ao entregar para a igreja uma doação que lhe haviam confiado, conversou com o sacristão, mostrando toda a sua descrença em relação ao projeto de assentamento:

- Julga com muito rigorismo. A matriz que está surgindo, por exemplo. Apesar de iluminada pelo Divino Espírito Santo, é obra humana. E será bonita.

- Talvez... mas desta gente jogada a deus-dará, trazida das Ilhas com mil promessas, enganos de toda a sorte, que diz?

- Logo se acostumarão. Nosso Senhor Jesus Cristo deu muita paciência aos ilhéus, a mesma que deu a Jó.

- Quem garante? (p. 125)

Sua preocupação e, principalmente, sua insatisfação eram patentes no povoado. Cada nova autoridade que chegava no local ouvia falar muito bem do doutor e de seu envolvimento com os colonos. Procuravam-no para se apresentar e conhecer o hospital, porém não percebiam que o médico estava melindrado com o assunto e se horrorizava com determinadas expressões desrespeitosas usadas para qualificar o assentamento dos imigrantes portugueses:

- Ah, sei que o senhor é preocupado com a questão dos colonos. Deve ser isso. Pois saiba que não estou descurado da questão. Foi uma das primeiras coisas que me ocupei, logo que vim. Todo esse povo, jogado pelas redondezas, esquecido no porto de Viamão... é muito entristecedor. Venha um dia até o governo, conversar. Quem sabe acharemos alguma idéia que venha deslindar essa embrulhada?
Embrulhada... a que triste definição chegaram para o que seria a grande campanha de colonização do sul... (p. 127)
Grifo nosso.

Os estrangeiros não paravam de chegar para integrar o projeto de colonização do Sul do País. Doutor Gaspar apressava-se em encontrá-los, pois tinha conhecimento das condições do navio e temia pelos doentes. Além de seu ofício, não se dedicava a outra tarefa que não fosse explicar o porquê da recepção e tentar acomodar a todos. Bastava, no entanto, alguns momentos para eles próprios indagarem de suas reais condições na nova terra:

- Os da terra - tentei explicar - estão por demais envolvidos numa coisa chamada demarcação. Uma coisa de que ouvirás dizer muito. A chegada de vocês, agora, é um estorvo. Procura-se alojá-los em terras, conforme prometia o edital, mas não se

consegue encontrar terra para dar. Quase toda já está ocupada, por gente que veio antes, muito antes, e que são legítimos proprietários. Aqui à roda do presídio já está tudo distribuído. Encontraram, agora, um lugar que parece tem dado ponto: o porto de Viamão, sítio do Dorneles. (p. 157)

Era um choque para os casais quando tomavam conhecimento dessa dura realidade, como também o era para o doutor comunicar-lhes as incertezas que os esperavam. Ele era o único capaz de falar abertamente sem ser criticado e sem perder o prestígio. Estava presente para receitar alguma sangria, algum remédio caso fosse necessário, ou para curar o mal do espírito, tentando achar palavras para esclarecer aos recém-chegados que as promessas feitas em Portugal, até o momento, não tinham saído do papel. Abrandava os ânimos dos mais afoitos, pedindo-lhes paciência e conformação:

- Melhor conformar-se, Lorrão, com qualquer coisa que digam que devem fazer. Vocês dependem em tudo das autoridades: até para comer e vestir. Por isso, não estranha se te tocarem ainda para outro lugar, ainda mais longe: as Missões. O plano final é que os ilhéus povoem as Missões.

- E lá tem terra bastante?

- Tem, mas... ainda deve ser conquistada para Portugal.

Lorrão sentou-se, pesadamente. Olhar parado, braços cruzados, apoiava o queixo na bengala, procurando dar um sentido a todas as sandices que eu dissera. (p. 157)

Como doutor Fróis era o único que tentava colocar os colonos a par da situação local, foi adotado também pelos novos como seu representante. Para eles nada mais reconfortante do que receber uma palavra de

esclarecimento de alguém que possuía o papel de salvar vidas alheias. Nele buscavam apoio e resolução. Com sua prudência e sensatez procurava conversar com os responsáveis sobre os colonos. Não era tarefa difícil, uma vez que os habitantes tinham conhecimento de seu interesse, de seus cuidados pelos estrangeiros:

- Bom, e os colonos? Isso é o que interessa.
- Mas então não vê que será o melhor que poderia acontecer a eles? Não precisarão sumir-se na mataria perdida.
- Logo, é preciso um plano de urgência, para uma situação não prevista, se não erro.
- Mais ou menos. Agora é tratar de ir alojando-os por aqui, por Viamão, Porto do Dorneles, quem sabe até no forte do Ibicuí com o Rio Pardo...
- Vamos, portanto, improvisar...
- É o que lhe dizia. (p. 162)

A falência da retomada das Missões para Portugal já era fato conhecido pelo doutor. Desde o início indagava sobre a questão de alojar os colonos em uma região bem estruturada. No seu íntimo sabia que esse plano não seria para aquela gente usufruir, mas, talvez para outros que mais tarde ali chegassem. Admirava-se com a inexperiência dos envolvidos e com a falta de visão de cada um. Mesmo assim, esperava uma resolução.

Fróis analisava tudo no local e constatava estar diante de um lugar com poucos recursos. As casas eram feitas de pau-a-pique, paredes de barro cobertas de taipas. Nesses lugares, às vezes, morava mais de uma família. Ao que parece todas eram assim, não diferindo umas das outras, “de pobreza extrema.” (p. 36)

Em Rio Grande, a situação apresentava-se igual à de Santa Catarina e, em alguns aspectos até pior, porque não havia ainda uma organização de plantio e colheita como em terras vizinhas. Porém, as casas assemelhavam-se na sua pobreza: choupanas de barro como o doutor já estava acostumado a ver em outras paragens.

Assim, também mostrava-se a situação dos arredores e interior do continente. Na verdade muito pior, pois, mesmo em Rio Grande, em que tudo acontecia e era berço das autoridades, a pobreza imperava. No porto do Dorneles, doutor Gaspar constatou o estado de miserabilidade por que estavam passando:

O arrendamento não difere muito do Rio Grande, apenas mais precário, mais pobre. Fica sobre uma elevação, que está longe de ser um morro, apesar do nome. (p. 171)

Quanto mais o doutor Fróis conhecia o interior do continente, assustava-se com maior facilidade da miséria. “Vi a crueza das paredes de barro, a cobertura de santa-fé. Umas poucas casas, ainda mais miseráveis que as do Rio Grande. Nas portas, alguns colonos conversavam, enquanto as mulheres estendiam roupas no chão.” (p. 173).

Conhecer a pobreza dos locais em que os colonos estavam alojados, deixava o médico desanimado e sem perspectivas. Tinha uma finalidade em mente em relação a eles e a nutria com esperanças, pois conhecia-lhes a situação em Portugal, sentindo a diferença em terras brasileiras. Desejava que os imigrantes ficassem unidos e prosperassem na nova terra, que se tornassem brasileiros. No entanto, não foi o que aconteceu. Olhou para todos os horizontes: para si, para o passado, para o futuro e para seus pares. Analisou

a decadência de tudo, inclusive dos que admirava e entrou em falência junto com o projeto:

Que fim levava aquele homem digno que conheci? Estava na minha frente um resto. Uma sobra da Humanidade. Quando estava na vila não era o que se vê agora. Era então um homem amaneirado, detentor de uma linhagem. Esquecia-se da miséria. Agora tinha atrás de si a choupana. O seu solar. Os empregados de seu pai se envergonhariam dela. No entanto, era o único lugar do mundo em que poderia dormir. (p. 54)

O olhar do doutor Gaspar de Fróis foi tão crítico e avassalador nas denúncias que não poupou a si próprio. Como diz Regina Zilberman, “Fróis representa a antítese do programa colonizador português.”⁵, porque o médico açoriano questionou do começo ao fim um projeto que viu ser eminentemente político e não achou meios para desmitificá-lo perante as autoridades. Saiu derrotado e envergonhado como homem e como profissional, amargando o fracasso de tudo o que tinha almejado ou, pelo menos, daquilo que tinha vindo buscar na nova terra: o recomeço de uma vida cheia de esperanças e acontecimentos.

Percebeu-se um estranho no ninho, um sujeito tentando organizar um mundo em que a própria desorganização já era a sua organização. Trouxe consigo peças para encaixar num quebra-cabeças onde elas não mais

⁵ ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 115.

funcionavam. Tentou de todas as formas encaixá-las, mas, sozinho e humilhado, achou por bem desistir. Foi vencido por seu próprio espírito inquieto, insatisfeito, “deixando como testemunho único de sua passagem os cadernos que formam o diário.”⁶

Ao final da narrativa cria-se o impasse: não poderia mais voltar nem ficar, pois só havia fracassos a serem analisados. Por isso resolveu desaparecer, sem deixar vestígios, restando apenas seu diário como testemunho da criação de um povoado que, a duras penas, foi formado.

⁶. ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 115 .

4 DR. CARL WINTER

Dr. Carl Winter, personagem da obra *O continente*, integrante da trilogia *O tempo e o vento*, do escritor sul-rio-grandense, Erico Verissimo, é um médico alemão que aportou no Sul do País, por acaso. Sua importância na narrativa sobressai-se no momento em que nos fornece uma visão mais distanciada das pessoas e do lugar, fazendo uma comparação da civilização sul-americana com a européia.

Obra-prima do escritor gaúcho, *O tempo e o vento* teve sua primeira parte publicada em 1949 e foi concluída com o lançamento do último volume em 1962. A narrativa é dividida em três partes: *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*. Nesta trilogia, é investigada a história sul-rio-grandense, do período de formação até a derrocada da ditadura Vargas em 1945: o autor retrocede às origens míticas do Estado, desde o patriarca do clã Pedro Missioneiro até as administrações de Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros e Getúlio Vargas, ou seja, abrange a vida rio-grandense das origens até a derrocada do Estado Novo.

A amplitude histórica da narrativa abarca duzentos anos, pois se inicia em 1745 e se encerra em 1945. Na Bíblia, mais especificamente, no *Eclesiastes*, o autor encontrou não só o nome para a obra, mas a própria cadência que daria à narrativa – o tempo e o vento:

Uma geração vai, e outra geração vem;
porém a terra para sempre permanece. E
nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu
lugar donde nasceu. O vento vai para o
sul, e faz o seu giro para o norte;

continuamente vai girando o vento, e volta fazendo seus circuitos.⁷

O continente, primeiro volume de *O tempo e o vento*, apresenta uma constituição por inteiro, não parecendo uma história sem conclusão. Segundo Regina Zilberman “vários fatores contribuem para isto, a começar pelo fato de que todas as personagens são completas, a sua biografia encerrando-se, em termos de necessidade narrativa, com o término dos episódios”.⁸ (p. 70)

No primeiro plano da narrativa, temos a apresentação do sítio pelo qual está passando o Sobrado. O cerco é liderado pelo neto de Bibiana, Licurgo Cambará, representante dos republicanos em Santa Fé. Como os demais membros da família, mantinha uma rivalidade com os descendentes dos Amaral, tendo Alvarino Amaral como representante da oposição federalista.

Foi uma batalha difícil para os que ali se encontravam, pois todos tinham que se submeter às precariedades provocadas por uma guerra: a comida e a água foram aos poucos escasseando, forçando os sitiados a uma dieta frugal com frutas silvestres e farinha, visto que o cerco ao Sobrado não permitia que seus ocupantes pusessem os pés para fora. A luta pela ocupação de Santa Fé transformou amigos em inimigos, mas o valor de pelear falava mais alto no meio daquela gente.

⁷. Todas as citações da obra serão retiradas da seguinte edição: VERISSIMO, Erico. **O continente**. São Paulo: Globo, 1995. Para facilitar, após a citação será registrada apenas a página onde ela se encontra.

⁸. ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento: história, mito, literatura*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, PUCRS, v.20, n.3, p.63-90, setembro de 1986.

Licurgo sofria com o sítio, com o silêncio do sogro e com as opiniões da cunhada. Porém resistiu até o fim e nem mesmo ver sua filha nascer morta o fez mudar de opinião. Diferentemente dos homens de sua família, não investiu apaixonadamente contra o perigo, ostentando somente a coragem. Esperou até o fim e seu triunfo veio dessa espera, dando-lhe um certo alívio, pois não sabia até onde iria sua resistência.

O desfecho foi um golpe do acaso. Num momento de fraqueza, vencido pelas advertências intermináveis de Maria Valéria, Licurgo toma abruptamente um lençol branco para pedir trégua ao inimigo e impedir que a esposa morra sem assistência médica. Neste mesmo instante, ouve um dos seus homens exclamar que um grupo de bandeira branca vinha atravessando a praça. Terminara o cerco e os republicanos se aproximavam da cidade. Os federalistas tinham abandonado suas posições antes do raiar do dia. Com isso, Licurgo salvara a honra, a dignidade, o heroísmo por golpe do acaso, pois o destino e a espera determinaram que preservasse a honra até o fim.

No segundo plano da narrativa, nos é apresentada a rivalidade entre os Amaral e os Terra-Cambará. Ana Terra, a precursora da linhagem dos Terra em Santa Fé, proveniente de São Paulo, e Capitão Rodrigo, dos Cambará, são dois pólos das forças humanas que movimentam a ação de *O continente*, neste plano.

Temos, então, a história da família Terra Cambará, desde sua origem ou instalação no território do Continente de São Pedro até a conquista da hegemonia política sobre Santa Fé. Ana Terra entra definitivamente nas terras dos Amaral, fundadores de Santa Fé, trazendo consigo o filho, a cunhada e a sobrinha. Desde este momento, os Terra e os

Cambará passam a se unir, através de Bibiana sua neta, e do Capitão Rodrigo, fazendo frente e oposição aos Amaral.

Por intermédio de seu filho Bolívar, Bibiana tomou o Sobrado, garantindo-o para as gerações futuras. O casamento de Bolívar com Luzia, neta de Aguinaldo Silva, marcou a ascendência econômica dos Cambará. A esse preço, os Cambará conquistaram fortuna e poder em Santa Fé, podendo, assim, estar em igualdade com os Amaral.

Narrando a formação social do continente rio-grandino, a obra de Erico Verissimo incorpora aos elementos nativos as outras composições étnicas que viriam a integrar a sociedade sul-rio-grandense. Entre esses elementos, o escritor introduziu, em *O continente*, o médico alemão Dr. Carl Winter. Formado pela Universidade de Heidelberg, chegou em terras do Rio Grande do Sul, na metade do século XIX, e passou a viver em Santa Fé, a partir de 1851.

Diferentemente do imigrante colono que veio para se fixar nas terras sul-rio-grandenses, Dr. Carl chegou aqui por acaso, com o intuito de ficar por algum tempo e acabou permanecendo a vida toda. Havia motivos para este prático da medicina ter deixado a Alemanha e ter vindo para tão longe:

“Estou aqui principalmente porque Gertrude Weil, a Fräulein que eu amava, preferiu casar-se com o filho do Burgomestre. Isso me deixou de tal maneira desnortado, que me meti numa conspiração, que redundou numa revolução, a qual por sua vez me atirou numa barricada. Ora, essa revolução fracassou e eu me vi forçado a emigrar com alguns companheiros.” (p. 355)

Desde a sua chegada, Dr. Carl testemunhou os conflitos existentes em Santa Fé. Compreendeu o plano de Bibiana em relação ao Sobrado; percebeu o sofrimento de Bolívar e, mais do que ninguém, melhor entendeu a maneira de ser de Luzia. Tudo isso graças à sua sagaz observação, da qual tomamos conhecimento com o jogo de proximidade que o narrador usa ao tratar dessa personagem.

Aliás, tornar o Dr. Winter um observador atento dos fatos que ocorreram em Santa Fé e um crítico perspicaz do movimento da pequena cidade foi o plano traçado por Erico Verissimo ao delinear a personagem. Em *Solo de clarineta*, texto autobiográfico, o autor de *O tempo e o vento*, confessa como construiu o Dr. Winter:

A certa altura de O Continente comecei a sentir necessidade de criar uma personagem que pudesse fazer o papel de "coro" daquela comédia provinciana. Devia ser uma pessoa não só alfabetizada, mas também lida e com pontos de referência geográficos e culturais que a tornassem capaz de comparar aquela agreste e incipiente civilização sul-americana com a européia, comentar consigo mesmo ou com outras aquela gente, a vida de Santa Fé, em particular, e a da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em geral. Dessa necessidade nasceu o Dr. Carl Winter."⁹

⁹ VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*; memórias. Porto Alegre, Globo, 1974. P. 299.·

Vamos acompanhar a trajetória completa dessa personagem, desde sua chegada ao povoado até a sua adaptação total ao meio.

4.1 Uma imagem

A referência que temos da imagem do médico alemão é fornecida por ele mesmo, em uma das muitas reflexões que faz sobre sua vida em Santa Fé, um lugar diferente do meio de onde saiu:

Estava agora completamente nu. Tinha um corpo muito esguio e ossudo, dum branco de marfim, pintalgado de sardas e recoberto duma penugem fulva. Ficou a imaginar o que aconteceria se um dia saísse a andar assim despido pelas ruas do povoado. Certamente aqueles homens sairiam a caçá-lo a tiros e as mulheres que o vissem soltariam gritos de horror. E só de pensar nisso Carl ficou sacudido de riso. Baixou os olhos na contemplação do próprio corpo. Era magro e dessangrado como o Crucificado de Van der Weyden que ele vira em Viena. Apenas o Cristo da pintura não usava óculos. Nem era ruivo. Nem formado em Medicina. (p. 354-355)

O médico não se achava muito favorecido fisicamente, a tal ponto que brincava com a situação escandalosa que seria apresentar-se completamente despido para a sociedade santa-fezense: causaria horror pela carência de carnes e pela cor de seu corpo.

Aos trinta anos de idade, magro e usando óculos, Winter possuía um forte senso de humor. Não poupava a si mesmo de suas ironias, pois se observava e criticava sua aparência:

Seus olhos eram dum cinzento frio e feio; seus cabelos, dum louro avermelhado como o das barbas de milho das roças de Santa Fé; sua pele, branca e oleosa, com manchas rosadas, lembrava salsichas cruas. Não. Ele não tinha a menor ilusão quanto à sua aparência física. (p. 361)

Essa estrutura delgada de carnes era revestida por uma indumentária típica da Alemanha. Winter fazia questão de assim andar pela cidadezinha, porque resistia a uma adaptação ao local. Não queria ser como os colonos, que já usavam trajes regionais, e nem esquecer os velhos tempos em que circulava pelas grandes cidades da Europa. Moradores do local o identificavam à distância, uma vez que era o único a andar trajado completamente diferente dos habitantes de Santa Fé. Florêncio Terra foi um dos primeiros a traçar comentários em relação ao modo de se vestir do doutor. Ele, como tantos outros, achava estranho e exclusivo o estilo do médico, chamando a atenção de quem quer que fosse:

Nesse instante viu que um vulto se aproximava. Reconheceu os contornos do Dr. Cal Winter. O médico alemão era inconfundível. Ninguém mais em Santa Fé se vestia daquele jeito engraçado. Ninguém ali usava chapéu alto como chaminé nem aquelas roupas estapafúrdias. (p. 350)

Dr. Winter tinha consciência da idéia de estranhamento que provocava naquela gente. Ele próprio sabia que sua figura e seus trajes adaptavam-se mais à Alemanha que deixara, do que às terras distantes do continente sul-riograndense:

E o primeiro também que passeia sob este céu com estas roupas. E rindo o seu riso interior o Dr. Winter olhou para a própria silhueta no chão e teve mais que nunca consciência da maneira como estava vestido: a sobrecasaca de veludo, verde, as calças de xadrez preto e branco, muito ligadas às coxas e às pernas, e principalmente aquele chapéu alto, que era um dos grandes espetáculos de Santa Fé. Sabia que suas roupas davam muito que falar. Os colonos alemães em sua generalidade haviam já abandonado seus trajes regionais e adotado os dos naturais da Província. Mas ele, Winter, preferia conservar-se fiel à indumentária européia e cidadina, e continuava a vestir-se bem como se ainda vivesse em Berlim ou Munique. (p. 353)

Fisicamente, Winter distingüia-se dos demais habitantes e a indumentária reforçava sua identificação, distanciando-o da gente do local e dos fatos que ali estavam acontecendo. Não queria ceder àquele território que o enfeitara e o fazia permanecer, esperando que algo acontecesse. Com o seu jeito exótico de ser e vestir-se transitava por Santa Fé e, nem por isso, esse povo negava seu acolhimento ao estrangeiro. Alguns, mesmo o considerando estranho e, muitas vezes, até esquisito por falar sozinho, não diminuían a confiança que tinham nele.

Florêncio Terra também foi o primeiro a demonstrar admiração e respeito pelo médico. Algo o levava a olhá-lo de maneira especial, pois possuía uma imagem positiva do doutor:

Florêncio sempre admirava a maneira correta com que aquele homem se exprimia em português; tinha um sotaque muito forte, era verdade, carregava nos *erres*, mas quanto ao resto falava fluentemente como um brasileiro educado, quase tão bem

como o juiz de direito ou o padre. E diziam que sabia também o seu latim e que em sua casa tinha muitos livros escritos em línguas estrangeiras. (p. 350-351)

Florêncio apenas dizia que “gostava do Dr. Winter. Sentia por ele uma espécie de respeitosa confiança, como a que a gente sente por uma pessoa séria e idosa. No entanto o médico não teria muito mais do que trinta anos. Devia ser aquela barba e aqueles óculos que lhe davam um ar assim tão respeitável.” (p. 351) Juvenal Terra compartilhava com Florêncio de idêntica admiração pelo doutor e manifestava expressamente os pontos que valorizava no médico alemão: “um homem de bem e de saber.”(p. 407)

O médico sabia que, além de seu jeito estranho, seu modo de falar o singularizava entre aquela gente:

Luzia sorriu.
- Vosmecê sabe, Dr. Winter, do que eu mais me admiro? É da maneira correta como vosmecê se exprime em nossa língua. Tem um pouquinho de sotaque, é verdade. Mas fala gramaticalmente certo e com um vocabulário muito rico. (p. 409)

Era com esse vocabulário culto e rico que o Dr. Winter sempre procurava um diálogo mais animado quando estava presente nas reuniões do Sobrado. As conversas entusiasmadas diziam respeito aos mais variados temas e ele sabia que seu posicionamento sobre determinados assuntos não era agradável a todos. Mas, como não queria envolver-se com a terra, mantinha uma atitude distanciada sobre os acontecimentos e pessoas.

Exemplo típico desse comportamento ocorreu quando os nativos de Santa Fé tomaram a morte de um escravo como um espetáculo. Dr. Winter refletiu sobre o acontecimento e tomou uma decisão:

Parou um instante na praça e ficou olhando para a forca. Pobre Severino! Tinha morrido por causa dum absoluto. Um absoluto que o Dr. Nepomuceno adorava, como a um deus. Encolheu os ombros como quem diz: "Não sou daqui, não tenho nada com isso." E decidiu que o melhor que tinha a fazer era ir ver o pôr de sol. (p. 394)

Conservar a individualidade era o lema do médico germânico. Deixava o poder de ação para quem aí vivia e aí deveria morrer, pois se considerava um ser sem apegos:

- Sou um homem sem paixões - disse Winter. - Não tenho partido. Nem sequer nasci neste país. Um dia posso ir-me embora para a Alemanha e não voltar mais. Limito-me a ler, ouvir, observar e tirar minhas conclusões. Os senhores botam todas essas questões num pé puramente ideológico. Eu prefiro levar a coisa para o lado do interesse material... (p. 594)

Mesmo tentando mostrar-se um ser sem apegos, o médico possuía um poder de sedução, atraindo, para si, o povo de Santa Fé. Carl tinha ascendência sobre essa gente e acabou por cativar a todos, principalmente aos Terra Cambará, fazendo-os revelar pensamentos cuidadosamente guardados:

- Por amor de Deus, seu Juvenal! Continue. Estou muito interessado nas coisas que o senhor está contando.
Winter calou-se. E de repente ele não estava mais em Santa Fé, conversando com

Juvenal Terra e sim num café de Berlim, dali a muitos anos, numa roda de amigos, recordando aquele momento: “Era um homem calado, muito discreto... Mas eu tinha certa ascendência sobre aquelas criaturas e elas sempre me faziam confidências. Eu só queria saber que fim levou *Herr* Juvenal Terra...” (p. 407-408) Grifo nosso.

Dessa forma, o doutor foi ficando mais e mais preso ao Novo Mundo. Ia juntando as informações que lhe chegavam por confissão e tentava uni-las e enxergar tudo como uma grande comédia humana. Refletia a maior parte do tempo sobre os componentes desse espetáculo que, às vezes, também parecia uma tragédia para ele. Sabia que, para aquela gente, criada rudemente, era impossível viver e aceitar muitos aspectos e fatos. Mesmo assim, naquela terra de machos, de povo simples e sem grandes conhecimentos científicos, Winter tinha acesso e arrancava as mais dolorosas confissões:

- Era essa mesma a resposta que eu esperava. A resposta dum homem macho. *Estou porque eu quero.* Mas isso não esclarece nada. As crianças também respondem assim. Vamos, fale com franqueza. Fugir a um problema não é resolver esse problema. Por que é que está metido neste quarto? Não vê que não pode passar o resto da vida assim? Mais cedo ou mais tarde tem de descer. Vosmecê precisa comer, beber, fazer as suas necessidades. Vosmecê é o chefe desta casa. Não compreende que essa atitude não resolve nada? (p. 446)

A confiança no Dr. Winter espalhou-se pela família dos Terra. Bolívar o respeitava e com ele confessava-se mais do que com o pároco local. O doutor sabia que aquele ser não diferia dos demais da região: sofria

calado e não era de grandes assuntos. Mas, por ser ou médico ou, até mesmo, por ser estrangeiro, conseguia aproximar-se dos mais introspectivos, tocando em pontos sensíveis e pessoais, estimulando-os a falar:

- Escute aqui, Bolívar. Se vosmecê tivesse uma dessas doenças... pegadas... compreende?... dessas que a gente tem vergonha de contar, que é que fazia? Sofria calado e ficava estragado para o resto da vida ou ia contar tudo ao médico?

- Contava tudo ao médico. Mas o caso aqui é diferente, doutor.

- Não é muito. Veja bem. Luzia é uma mulher doente, doente do espírito. E vosmecê vai acabar também doente da cabeça se continuar nessa atitude.

- Que é que vou lhe contar? Vosmecê pelo jeito já sabe de tudo.

- De tudo não. Conte o que foi que aconteceu em Porto Alegre. (p. 447)

Enquanto a maioria tentava entender o que estava acontecendo, ele já tinha sua opinião formada. Compreendia o mal que atacava algumas pessoas. Assim foi quando falou de Luzia com Bolívar. Mostrou para esse que sabia, há muito, que aquela mulher fascinava-se com acontecimentos fora do comum:

Calou-se, como que engasgado. Vendo que o outro não prosseguia, Winter quis ajudar a narrativa e antecipou:

- Vosmecê descobriu que todas aquelas coisas horríveis, gente sofrendo e morrendo nas ruas, tudo aquilo para sua mulher era mesmo que uma festa, não foi? Bolívar sacudiu a cabeça numa lenta afirmação. (p. 448)

Ao saber por Bibiana que Bolívar havia brigado com a esposa e, desde então, fizera do quarto sua morada, o próprio doutor tomou a iniciativa de falar-lhe:

Winter ergueu-se.

- Acho melhor eu ir conversar com ele.

- Quer ir agora?

- Vamos. (p. 444)

Foi recebido por Bolívar sem qualquer resistência. Winter exercia sobre ele uma forte ascendência e gozava de sua admiração e confiança:

- Que é que o senhor quer?

- Duas palavras.

Houve uma leve hesitação do outro. Por fim ele abriu a porta por completo e disse:

- Entre. (p. 444)

Foi assim que, com o passar dos tempos, adquiriu prestígio e passou a ocupar lugar de respeito junto a gente tão diferente de si. Todos o procuravam e nutriam uma grande admiração por aquele ser singular. Winter fez por merecer essa dedicação, mostrando-se compreensivo para com as pessoas.

A individualidade e a discrição do doutor Winter transmitiam segurança para as pessoas. Nunca condenava ou julgava alguém. Entre alguns, fazia-os pensar quando emitia suas opiniões; para outros, cuidava as palavras usadas para que, dentro da sua simplicidade, pudessem entender o que se passava.

Dr. Winter correspondia à confiança que depositavam nele porque entendia que certos homens, como Juvenal Terra, que fôra criado para campear e guerrear e, “*sempre prontos a laçar, domar, parar rodeios, correr carreiras*

e principalmente a travar duelos e ir para a guerra.”(p. 391), não era assunto fácil e não eram bobagens o que estava lhes incomodando. Em visita à casa do velho Terra, o médico constatou mais de perto esta dificuldade ao ser indagado sobre a situação que Bolívar estava passando no Sobrado. Procurava sempre dar a sua opinião sincera sobre os fatos, mas antes interrogava se queriam ouvi-la. “- Vosmecê quer saber a minha opinião franca?” (p.406)

Ao ouvir a tagarelice do pai, Florêncio não pôde deixar de ressaltar tal fato ao médico e, ao mesmo tempo, indagar-lhe: “O senhor pode se gabar de ter conseguido o que ninguém consegue. Por que será que as pessoas se abrem com vosmecê?” (p. 408-409) Grifo nosso.

O fator mais forte para justificar a confiança que os santafezenses depositavam no Dr. Winter era, sem dúvida, sua personalidade. Além disso, associava-se também a profissão, mas havia outros traços daquele alemão que agradavam aos habitantes do lugar: não pitava crioulo, não dormia com mulatas e não estava emocionalmente envolvido nos fatos que faziam a vida da cidadezinha. Seu olhar distanciado era, afinal, o que lhe garantia a entrada nas casas e nas almas daquela gente interiorana.

Bibiana, a velha matriarca, também o elegeu seu confessor. Procurava, sempre que podia, trocar idéias com o Dr. Winter. Nestes encontros, que quase sempre se davam no Sobrado, ia revelando seus temores e seus sonhos e, até mesmo, os sentimentos que ela própria não se orgulhava muito de sentir. Chamava o doutor para tudo: tanto ela lhe pedia ajuda para si como para os outros que conviviam com ela, sob o mesmo teto. Com receio de que Luzia interrompesse a gravidez, solicitou a ajuda ao médico para que Winter aconselhasse a gerar o filho, pois era muito importante a possibilidade de ter um neto:

- Então, D. Bibiana, que é que quer que eu faça?
- Se puder, doutor, fale com ela. Diga que ela precisa ter esse filho. (p. 422)

Bibiana contava-lhe tudo o que sentia diante dos fatos que presenciava, em especial, dos que se passavam dentro do Sobrado. Ela estava tão acostumada a lhe fazer confidências que já o incluía em suas tramas: “- Dessa estamos livres, pelo menos por enquanto.” (p. 531) O entrosamento com Bibiana era tão grande, que ele não achava estranho o uso da forma associativa: “Winter gostou daquele verbo no plural. O *estamos* decerto modo o incluía na grande conspiração”. (p. 531)

A afinidade e a sintonia entre os dois apresentava uma harmonia, que permitia a Winter entender Bibiana, ainda que ela não se expressasse por palavras:

- Não precisa dizer o resto. Eu sei o que vosmecê está pensando.
- Sou uma mulher muito malvada, não sou, doutor?
- Absolutamente. Acho que vosmecê é uma pessoa muito prática e muito sincera.
- Não fica me querendo mal, então?
- Claro que não.
- Mas é que não me sinto bem quando penso essas coisas.
- A gente não sente porque quer. Sente porque sente. (p. 534)

Bibiana nutria realmente uma forte admiração e confiança nele. Ela não era de grande prosa e grandes entusiasmos, mas era decidida em suas opiniões e escolhas. Dizia que o doutor era o único que a entendia,

tentando justificar sua escolha ao fazê-lo confidente, pois ele sabia de fatos muito particulares a respeito da família:

- Eu sei bem disso, D. Bibiana.
- E mesmo eu lhe contei muita coisa. Vosmecê é a única pessoa que me entende direito. Acho que nem o Florêncio é bem do meu lado nessa questão. O pai dele nunca me perdoou por eu ter ajudado o casamento do Boli. (p. 536)

Várias vezes a neta de Ana Terra expressou sentimento de confiança em relação ao médico alemão. Sua neutralidade, observação e paciência inerentes à profissão, fizeram com que a dona do Sobrado o procurasse mais de uma vez para conversar:

- No final de contas, doutor, eu estou sempre amolando o senhor com as minhas histórias. Mas também vosmecê é a única pessoa com quem posso me abrir. Que diacho, a gente também cansa de falar sozinha. (p. 539) Grifo nosso.

Com o tempo, o médico passou a opinar com a firmeza de quase uma ordenação para tentar melhorar um pouco a situação instalada naquele ambiente - o Sobrado. Tentava fazer com que se dessem conta de que estavam agindo sob um sentimento chamado teimosia. Sabia que essa era a característica da grande maioria dos que habitavam Santa Fé e, principalmente, dos Terra-Cambará: quando julgavam e decidiam algo, dificilmente mudavam de idéia. Muitas vezes, nem o tempo os fazia esquecer de determinado incidente.

Florêncio Terra era dessa linhagem: tão teimoso quanto o pai, Juvenal Terra, e a tia Bibiana, não admitia que lhe falassem sobre determinados assuntos, pois era como se quisessem brigar com ele. Mas o doutor Winter tinha poder sobre ele também. No princípio, o homem ficava agitado na presença do alemão, mas logo se acalmava e admitia que, além de diferente, o estrangeiro sabia falar e convencer:

De novo Florêncio sentiu um formigueiro no corpo, um ímpeto de erguer-se e começar a gritar desaforos. Mas conteve-se. Aquele homem branco, magro, estrangeiro e nu desconcertava-o um pouco. Se um compatriota seu lhe tivesse dito aquelas mesmas palavras, ele já estaria de faca desembainhada, pronto para brigar. Mas o diabo de doutor tinha um jeito de dizer as coisas... (p. 488) Grifo nosso.

Falar franca e abertamente com aquela gente que o aceitava e de quem tanto tentava distanciar-se, virou rotina para o doutor. Mesmo assim, Winter não os assustava ao ponto de os afastar, crescendo cada vez mais o número de pessoas que o procurava. “No entanto os clientes continuavam aparecendo: os colonos de Nova Pomerânia e de Garibaldina não queriam saber do Dr. Viegas.”(p. 490)

A passagem do doutor Carl Winter por Santa Fé durou mais tempo do que ele desejava e marcou-o mais do que pensava. Não passou imune por aquele território. Acompanhou o início da formação de um povo, de um local que mesmo sem querer estava ajudando a estruturar. Com sua imparcialidade diante dos fatos e dos nativos, criou raízes em uma terra que considerava ser somente ponto de passagem. Acompanhou gerações e com elas sempre obteve os mesmos papéis: de médico e de confidente. Não foi diferente,

portanto, com o neto de D. Bibiana – Licurgo – que também teve com o doutor os seus momentos de prosa:

Quando Licurgo lhe perguntara “Que é que o doutor acha de tudo isto?”, ele lhe respondera com toda a franqueza: “Acho que vassuncê deve esquecer, esquecer tudo. Há na Bíblia um versículo que diz: *‘Deixa que os mortos sepultem os seus mortos’.*” (p. 653)

Apesar de ter criado um ambiente de aceitação, nutria desejo de ir embora, principalmente nas mudanças de estação. Achava o inverno muito rigoroso, mas se convenciam de que eram poucos meses e logo viria a primavera. Possuía uma inércia que não o deixava agir, nem ir embora do vilarejo ou mesmo aproveitar algumas vantagens que tinha conquistado ao longo do tempo.

A vida ensimesmada que levava, obrigou-o contudo a encontrar um confidente – seu amigo e patrício Carl von Koseritz. Nas longas cartas que escrevia para o seu conterrâneo, o assunto mencionado era a residência dos Terra-Cambará. Durante o sítio ao Sobrado, ele era o único que podia entrar e sair para ver os moradores da casa. Conhecia tudo o que se passava lá dentro e estava certo de que sua profissão lhe dava esse privilégio. Como ele próprio mencionou para Koseritz: “eu, como médico, faço o curioso papel de lançadeira, indo e vindo a conduzir a frágil linha que costura esse tecido dramático.” (p. 453).

As cartas a Koseritz, porém, não tematizavam somente os habitantes de Santa Fé, mas funcionavam como o relato interno das transformações pelas quais o médico passava e que o distanciavam, cada vez

mais, da Alemanha. Nelas, Winter revelava o modo como ia se amoldando ao lugar e as tentativas que fazia para continuar fiel a sua terra:

“Mein lieber Baron. Faz hoje quatro anos que estou em Santa Fé. Já não uso mais chapéu alto, minhas roupas européias se acabam e eu desgraçadamente me vou adaptando. Isso me dá uma sensação de decadência, de dissolução, de despersonalização. Sinto que aos poucos, como um pobre camaleão, vou tomando a cor do lugar onde me encontro. Já aprendi a tomar chimarrão, apesar de continuar detestando essa amarga beberagem. (Pode alguém compreender as contradições da alma humana?) Eu vivia em castidade forçada por falta de mulheres de que eu gostasse e que quisessem dormir comigo. Meus sonhos eróticos eram povoados de fêmeas louras e eu tinha de me contentar com esses amores oníricos, mas agora, meu caro, de vez em quando, esse espírito já vacilante cede aos gritos desta carne fraca – que, diga-se de passagem, continua muito magra sobre a ossatura – e trago para a minha cama, altas horas da noite, com a cumplicidade soturna da bela Gregória, chinocas, índias, e até mulatas. Depois dessas orgias, tiro o violino do estojo e tomo um banho de música. Ou então abro o meu Heine e me encharco de poesia. E nas muitas semanas de castidade que se seguem volto a sonhar vagamente com mulheres brancas e germânicas (...).” (p. 423-424)
Grifo nosso.

Com o tempo, não lutava mais nem mesmo para manter sua própria integridade. Aquele corpo que sempre lhe provocava boas risadas ao ser contemplado por si próprio, não mais lhe evocava qualquer tipo de sentimento. Expunha-o de qualquer maneira, deixando a muitos perplexos com sua atitude:

No dia seguinte, por volta das três da tarde, Florêncio foi visitar o Dr. Carl Winter, que agora morava numa meia-água na Rua dos Farrapos, na quadra que dava para a Praça da Matriz. Fazia muito calor e o médico, que havia pouco despertara da sesta, recebeu-o completamente nu, e só depois de cumprimentar o visitante é que se lembrou de amarrar na cintura uma toalha de algodão. (...) Notou também que o Dr. Winter envelhecia e que já havia fios brancos em suas barbas e cabelos ruivos. (p. 484) Grifo nosso.

Em seu íntimo, buscava respostas para sua permanência num lugar que não lhe dava o conforto material e intelectual ao qual estava acostumado. Poderia sair em busca de um viver melhor, mas não o fez. Estava mais do que nunca preso à terra. Não tinha coragem de fazer qualquer coisa. A bebida passou a fazer parte do seu cotidiano e beber tornou-se um hábito na vida do médico que tentava esquecer o horror de uma perna amputada, fato bastante comum em sua profissão, como também o desânimo de um indivíduo fracassado e sem forças:

O remédio era embebedar-se. Podia ser indigno, podia ser brutal, podia ser sórdido. Mas era um narcótico. Bêbado, esqueceria a perna de Otto Spielvogel, que ele vira cair pesadamente num balde com um ruído medonho; esqueceria aquele tempo horrível, e esqueceria principalmente que ele, Carl Winter, um homem de trinta e cinco anos, formado em Medicina pela Universidade de Heidelberg estava preso, irremediavelmente preso a Santa Fé, sem coragem de abandonar aquele vilarejo marasmento e sair em busca duma vida melhor... Por quê? Por quê? Por quê?

Winter fez essas perguntas em voz alta.
(p. 431-432) Grifo nosso.

A permanência em Santa Fé e a decadência de Winter chegaram juntas. Não amava o vilarejo, mas ali se mantinha. Sua aparência e a conservação de sua indumentária não tinham mais prioridade para ele. Queria apenas atordoar-se para não perceber o que estava acontecendo. Nada mais parecia importar para aquele médico consciente de sua inércia, de sua falta de paciência e de sua mudança de personalidade:

Andava amargurado, cansado daquela vida e impaciente até consigo mesmo. Toda vez que pensava em deixar Santa Fé e voltar para a Alemanha ou para qualquer outra parte da Europa, surpreendia-se a sentir uma preguiça invencível, uma abulia que acabava chumbando-o àquela terra cuja gente ele aborrecia e em certos momentos chegava a odiar – àquela terra absurda que apesar de tudo o prendia poderosamente, como pela ação dum sortilégio maléfico. (p. 489)

O reinado do doutor Carl Winter estava ruindo. Passou da fase em que sempre escutava a todos que o procuravam para um estágio em que somente provocava aborrecimentos aos que habitavam o vilarejo, pois falava sem comedimento, sem se importar verdadeiramente com os sentimentos alheios, já que os seus estavam por demais abalados:

Por que dissera aquelas coisas brutais? Estava torturando o pobre homem. (...) Era uma malvadeza dizer aquelas verdades a uma pessoa em tal estado de espírito e de corpo. Mas já agora Winter não via mais jeito de parar. (p. 489) Grifo nosso.

Deu-se conta de que nada significava naquela terra. Estava muito longe de representar os colonos e muito desinteressado por sua profissão. Estagnara os conhecimentos a quando chegara a Santa Fé, por isso julgava não ser representante nem da própria profissão:

Que representava ele? Nada. Nem o colono alemão que havia quarenta e tantos anos se estabelecera na Feitoria do Linho Cânhamo às margens do Rio dos Sinos. Era simplesmente um indivíduo, o Dr. Carl Winter. E se quisesse ser bem honesto para consigo mesmo, teria também de chegar à conclusão de que não representava nem mesmo a Medicina. Naquele fim de mundo ele ia de tal modo perdendo contato com a literatura médica, que um dia talvez chegasse a descer ao nível dos curandeiros da terra. (p. 516)

Vencido pela distância e pelo tempo, desanimou. Era demasiado tarde para mudar muitos fatos em sua vida. Estava só num território povoado de gente que o acaso colocou em sua vida. Não partia, mas não se entregava totalmente à nova morada. Era como um prisioneiro: condenado a ficar numa terra pelo resto da vida, mas impossibilitado de tirar proveitos, seu algoz foi ele próprio:

Seria coisa sábia procurar a gente viver sempre com lógica e lucidez? Às vezes lhe parecia que o melhor era participar de todas as paixões, enlamear-se nelas, não ficar à margem da vida, preocupado com examinar todos os lados das pessoas e das questões, querendo dizer sempre a palavra mais justa e serena, que no fim era quase sempre a mais cínica e a menos humana.

Apesar de toda a sua famosa lucidez, aos sessenta e três anos de idade encontrava-se ele ainda em Santa Fé, solteirão, solitário, escravo da rotina, pensando sempre em ir-se embora, em voltar para a Europa, mas ao mesmo tempo sentindo-se poderosamente preso àquela terra como uma velha árvore de raízes profundas – mas uma árvore que não ama o solo em que está plantada e não tira dele o alimento de que necessita para vicejar com toda a plenitude. (p. 595)

Santa Fé ficava longe demais para que ele investisse numa viagem de volta para casa e também havia se passado muitos anos para que pudesse regressar. No fundo, Dr. Winter era igual a muitos naquele vilarejo que guardavam objetos no fundo de uma gaveta para nunca usá-los e tão pouco admitiam abandoná-los. Foi isso que ele fez: guardou sua vida tão bem a ponto de nunca usá-la com decência:

Tornou a encher o copo de vinho e bebeu-o todo num sorvo só. O melhor que tinha a fazer era embriagar-se para poder participar da alegria geral, para esquecer que a vida para ele não prometia mais nada. Já não lhe restavam esperanças de sair de Santa Fé. A distância em quilômetros que o separava da Alemanha era enorme. Mas a distância em tempo, essa era ainda mais aterradora. Sentia-se solto no tempo e no espaço, sem ligação com ninguém e com coisa alguma. Mas não fora sempre esse o seu ideal? Não ter compromissos, nem esposa nem família nem propriedade nem contratos. Ser física e espiritualmente um viajante sem bagagem. Estar sempre em disponibilidade, poder, dum minuto para outro, sem ter de dar satisfações a ninguém, mover-se dentro da geografia, mudar de paisagem, de ambiente, de

hábitos... Pois bem. Conseguira tudo isso. Mantivera-se livre, disponível, sentimentalmente intocado. Mas que uso fizera de sua liberdade? Guardara-a apenas como algumas daquelas famílias de Santa Fé entesouravam jóias antigas dentro dum escrínio, no fundo duma gaveta, não as usando nunca, nunca se desfazendo delas nem mesmo nos momentos de maior necessidade. Um luxo inútil, enfim! (p.637)

Beber era melhor do que suportar com sobriedade a dor ou a alegria que tomavam conta dos outros e só dele mantinham distância. Continuava circulando pelos mesmos ambientes e o cheiro de bebida recendia a um simples abrir e fechar de lábios. O álcool veio acompanhado não-somente do descuido visual, mas do intelectual também, pois adaptou o seu jeito de falar ao do habitante local, que tanto o deixava aflito, outrora.

Dr. Carl Winter cedeu aos encantos de Santa Fé. Envolveu-se emocionalmente com o vilarejo e aos poucos foi interiorizando os hábitos da terra. Foi vencido pelo tempo e pela inércia que lhe era peculiar: deixou-se ficar.

4.2 Um olhar

Muito inteligente e perspicaz, Dr. Winter possuía um alto grau de observação, o que o levava a analisar com muita propriedade o local e seus habitantes. Achava-os, a ambos, primitivos e rudes. As casas da vila em nada eram parecidas com as que ele estava acostumado e, com rara exceção, não possuíam qualquer tipo de conforto:

As casas eram pobres, primitivas, sem gosto nem conforto, quase vazias de móveis; em suas paredes caiadas não se via um quadro, uma nota de cor que lhes desse um pouco de graça. No inverno o minuano entrava pelas frinchas, cortante como uma navalha. (...) Havia em tudo uma rusticidade e uma aspereza que estavam longe de ter o encanto antigo e a madureza das coisas e gentes camponesas da Baviera, da Pomerânia ou do Tirol. (p. 364)

A própria casa em que estava morando era desprovida de qualquer tipo de conforto, o que o levava a não acreditar, muitas vezes, em sua permanência em Santa Fé. Seu ambiente era pobre, igual ao da grande maioria: “a cama-de-vento, a gamela de pau que lhe servia de bacia, o jarro de folha amassada, as cadeiras de palhinha, a estante com os livros, a mesa de pinho, sebosa e guenza, com seus papéis, o tinteiro, o secador de louça e a pena de pato... As paredes caiadas estavam manchadas de umidade.” (p. 354) Na colônia, todas as casas pareciam ser assim, exceto o sobrado dos Terra e o casarão dos Amaral.

A princípio, a rusticidade fascinava-o, envolvia-o num clima de mistério. O isolamento do local, entretanto, contribuía para acentuar mais a precariedade das acomodações. Tudo era distante. As estradas eram poucas e sem condições de tráfego, causando um grande atraso de informações e abastecimentos em Santa Fé:

Era assustador o isolamento em que viviam aquelas estâncias, povoados, vilas e cidades da Província. As estradas eram poucas e más. Em 1835 haviam começado a abrir uma que ligaria Cruz Alta e Rio Pardo, passando por Santa Fé. A guerra civil,

porém, interrompera o trabalho, que só ficaria pronto dentro duns cinco anos, no mínimo. (p. 413)

As notícias, por sua vez, chegavam com atraso ao continente. Para seu amigo Carl von Koseritz, Winter queixava-se do esquecimento em que ficavam os habitantes. Pedia-lhe jornais, mesmo que fossem antigos, pois não estava acostumado com o marasmo de informações por que estava passando e precisava de leituras. Achava a vida monótona naquele lugar, porque nada de diferente acontecia. Como os habitantes possuíam uma saúde de ferro, quase sempre era chamado para atender alguém que se envolvera em briga. Fora isso, tudo transcorria normalmente. Daí a necessidade de ter notícias, mesmo que fosse através de jornais desatualizados:

Quando puderes, manda-me livros e jornais. Os jornais podem ser até bem antigos, porque nesta vila esquecida de Deus e dos homens, estou me convencendo cada vez mais de que o tempo, afinal de contas, não passa duma invenção dos relojoeiros suíços para venderem suas engenhocas. (p. 425)

Sua grande preocupação era observar os habitantes do lugar para aprender seus anseios e seus comportamentos. De um modo geral, achava os seres do sexo masculino muito rudes e complexos. Eram verdadeiros guerreiros, pois a guerra também fazia parte daquele cenário que ele dizia ter sido esquecido por Deus e pelos homens. Segundo Dr. Winter, os homens viviam para pelear. O normal para eles era morrer lutando ou morrer desgastados pelo tempo:

A paisagem era civilizada, mas os homens não. Tinham rudes almas sem complexidade, e eram movidos por paixões

primárias. A lida dos campos e das fazendas tornava-os ásperos e agressivos. Lidar com potros bravos, curar bicheiras, sangrar e carnear o gado, laçar, fazer tropas - eram atividades violentas que exigiam fortaleza não só de corpo como também de espírito. (...) Depois havia as guerras. Era raro passar uma geração que não visse pelo menos uma guerra ou uma revolução. (...) Poucos sabiam ao certo por que lutavam, mas havia na Província a tradição de "pelear com os castelhanos", e seus homens encaravam as invasões como uma fatalidade, como um ato de Deus - uma espécie de praga periódica tão inevitável como uma seca ou uma nuvem de gafanhotos. (p. 362)

Os santa-fezenses possuíam um código de honra muito forte, que o médico logo percebeu: importavam-se em "ser macho" e "não ser corno". Por este motivo, o alemão logo notou que ninguém podia ousar olhar mais demoradamente para as esposas legítimas desses homens, pois, se isso acontecesse, estava decretada uma guerra.

Fazer parte de uma guerra também era uma das glórias supremas do gênero masculino daquele povoado, como também não levar desaforo para casa e saber montar bem. Winter observava essas características e, com uma certa paciência, percebia que tudo ali estava germinando, estava iniciando a acontecer. Ao longo de sua estada na Província viu que, se dependesse dos homens para exercer sua profissão, não teria como fazê-lo, pois eles não o procuravam para consulta. Os homens, ao contrário das mulheres, de nada se queixavam por medo de parecerem fracos:

- Seu Juvenal, uma das manias dos homens desta terra é acharem que não podem adoecer. Sabe que isso é puro orgulho?

- Qual nada, seu doutor.
- As mulheres são diferentes, essas sempre pensam que estão doentes e não podem enxergar um médico que não comecem a queixar-se que sentem uma dor aqui que responde não sei onde... Mas os homens podem estar morrendo que nunca se queixam. Aham que doença é coisa de mulher. (p. 404)

Entendia que os homens eram rudes e de pouca conversa, também compreendia que o destino das mulheres era bem diferente. A vida das mulheres naquele “mundinho” era melancólica. Viviam à mercê dos homens, sem participarem na comunidade, pois nada lhes dizia respeito. Apenas a espera da volta do marido e/ou dos filhos entre uma guerra e outra era o que cabia às fêmeas desse lugar tão distante:

Não tinham muitos direitos e arcavam com quase todas as responsabilidades. Sua missão era ter filhos, criá-los, tomar conta da casa, cozinhar, lavar, coser e esperar. Dificilmente ou nunca falavam com estranhos e Winter sabia que um forasteiro que dirigisse a palavra a uma senhora corria o risco de incorrer na ira do marido, do pai ou do irmão dessa senhora, que lhe viria imediatamente “tirar uma satisfação”. (...) Eram esta em sua maioria analfabetas ou de pouquíssimas letras e tinham uma assustadora tendência para a obesidade. (...) Eram tristes e bisonhas, e as contínuas guerras quase não lhes permitiam tirar o luto do corpo; por isso traziam nos olhos o permanente espanto de quem está sempre a esperar uma notícia trágica.” (p. 363)

Ao final de um tempo, o médico alemão conhecia aquela gente e seu modo de viver. Ele era um ser diferente: possuía um refinamento

que estava longe de chegar naquele povoado, enquanto que “aquela gente era teimosa, difícil; seu raciocínio sem sutilezas seguia uma inflexível linha reta, era como um boi enfurecido que leva tudo por diante”. (p.444). Para o alemão, essas pessoas todas eram selvagens! As contradições, no entanto, faziam sentido: (...) “Winter sentia que seu refinamento europeu não passava dum eterno assobiar no escuro, dum permanente fugir aos problemas. Aqueles homens rudes da Província pelo menos davam nomes às coisas e não se envergonhavam de seus sentimentos.” (p. 444).

O olhar crítico que dirigia a todos em sua volta não poupou também seus patrícios. Para Winter, os alemães eram “estúpidos e cheios de preconceitos” (p. 358), tendo trazido para a nova pátria seus sentimentos negativos:

Moravam em ranchos miseráveis, andavam descalços e já estavam roídos de vermes e sífilis. Em sua maioria, porém, prosperavam, moravam bem, ganhavam dinheiro, aumentavam as propriedades. Desprezavam o caboclo e eram por sua vez desprezados pelos estancieiros, dos quais não gostavam, embora parecessem temê-los. Era triste ver como em seus baús e sacos, junto com roupas e tarecos, haviam trazido para o Brasil todos os prejuízos, rivalidades e mesquinhez de suas aldeias natais. Não compreendiam – os insensatos! – que lhes seria possível passar a vida a limpo naquela pátria nova. (p. 358)

Suas opiniões sobre os imigrantes resumiam-se a alguns elementos: eram trabalhadores e não se metiam em assuntos alheios, porém, “achava-os ignorantes e pouco simpáticos.” (p. 427). Às vezes, não entendia determinadas atitudes de seus compatriotas. Avesso às guerras, quando soube

do incidente no Ferrabraz, a guerra dos Muckers, Winter preferiu não comentá-lo, limitando-se a registrar sua opinião para Koseritz:

“...esse lamentável episódio vem confirmar a opinião que tenho de meus compatriotas: individualmente são excelentes, sensatas pessoas, mas quando reunidos em grupos acabam sempre fazendo alguma asneira brutal.(...)” (p. 651)

Conhecendo como os habitantes agiam e como os colonos estavam se estabelecendo na nova terra, passou também a analisar alguns indivíduos, em particular, que lhe despertavam a atenção e proporcionavam um sabor diferente à sua estada em Santa Fé.

Um destes indivíduos era Luzia Silva, neta de Aguinaldo Silva e posteriormente nora de Bibiana, cuja chegada ao povoado deixou não só aquela gente inquieta como também ao doutor da região. Winter ficou deslumbrado com a beleza da mulher, mas, ao mesmo tempo, achava que uma figura igual àquela destoava num cenário tão simples como Santa Fé. Algo de errado havia nela que o médico não identificava:

Havia naquela bela mulher de dezenove anos qualquer coisa de perturbador: uma aura de drama, uma atmosfera abafada de perigo. Winter sentira isso desde o momento em que pusera os olhos nela e por isso ficara com relação à neta de Aguinaldo, numa permanente atitude defensiva. Numa terra de gente simples, sem mistérios, Luzia se lhe revelara uma criatura complexa, uma alma cheia de refolhos, uma pessoa, enfim – para usar da expressão das gentes do lugar – “que tinha outra por dentro.” (p. 352)

Em visitas ao Sobrado, ficava a examinar furtivamente Luzia. Ela era como uma borboleta rara, que o médico não desejava aprisionar, preferindo acompanhar o seu vôo. Lembrou-se, então, de sua formação no curso de Medicina e do conselho que um de seus professores havia lhe dado: o instinto era tudo.

Educada na Corte, Luzia não tinha a mesma expressão de sentimentos que os demais, como também distanciava-se de seu marido Bolívar. Para o médico, havia um hiato entre esses dois seres:

Winter descobrira que Luzia fitava as pessoas com a mesma indiferença com que olhava para as coisas: não fazia nenhuma distinção entre o noivo, uma mesa ou um bule. (...) Winter achava absurdo que duas pessoas tão desiguais estivessem para casar, morar na mesma casa, dormir na mesma cama e juntar-se para produzir outros seres humanos. Bolívar mal sabia ler e assinar o nome: era um homem rude. Carl não acreditava que Luzia o amasse; para falar a verdade não a julgava capaz de amor por ninguém... (p. 353)

O médico considerava-a estranha demais e de tão elevado grau enigmático que, no dia de seu noivado com Bolívar, “achou-a perversamente linda”(p. 371) levando-o a comparar a moça com a lendária Teiniaguá, a bela e jovem bruxa moura, que, segundo a lenda, o diabo transformava numa lagartixa cuja cabeça consistia numa pedra preciosa de brilho ofuscante.

Luzia possuía opiniões próprias, emitindo-as quando julgava necessário. Essa atitude constrangia alguns e encantava outros, pois

numa terra de analfabetos e de mulheres recatadas era perturbador uma fêmea envolver-se em discussões masculinas, expondo suas idéias. Luzia discutia inclusive com o Dr. Winter, opinando sobre fatos de ordem filosófica como o bem e o mal:

Luzia abriu o leque e começou a abanar-se serenamente.

- Vosmecê não acha, doutor - perguntou ela - que ser bom ou ser mau é uma questão de mais ou menos coragem?

- Hein? - fez o médico, perplexo, a coçar o queixo com dedos frenéticos. - Quer dizer que bondade é sinônimo de covardia?

- E o senhor acha que não é? Nunca pensou que ser bom é a coisa mais fácil do mundo? E que qualquer pobre-diabo pode ser dar o luxo de ser bom? (p. 379)

Cada vez mais crescia a curiosidade do doutor em relação a Luzia. Esforçava-se, muitas vezes, para tentar entender o que se passava com ela, em seus pensamentos, em sua alma. Tentava adivinhá-los, ao observá-la, mas enchia-se de horror com a possibilidade de confirmação de suas deduções. Ficava a indagar-se de “como era que naquele fim de mundo, naquele lugarejo perdido nos confins do continente americano, entre gente rude e primária, existia uma mulher assim?” (p. 380-381).

Outra figura que também merecia a observação do Dr. Winter era Bibiana. Ela fazia um contraste e, ao mesmo tempo, um contraponto com Luzia. Alguns de seus passos e envolvimento no Sobrado não passaram despercebidos pelo doutor. Muito cedo ele acompanhou o raciocínio da velha: o casamento de seu filho Bolívar com a neta de Aguinaldo Silva tinha um objetivo específico, que não incluía a felicidade do rebento:

Sentada na cama, no quarto escuro, ela começou a pensar no Sobrado, nas suas árvores, em Luzia e em Bolívar. Tomar o Sobrado... Se Bolívar casasse com Luzia, ele ficava sendo o dono do Sobrado. Ela, Bibiana, iria viver com o filho, voltaria para o seu chão... Aguinaldo estava velho e não podia durar muito tempo... No princípio ia ser difícil viver com aquele corcunda, sob o mesmo teto. Mas a casa afinal de contas era grande, e sua posse valia todos os sacrifícios...

Naquela noite Bibiana tomou a grande resolução. Ia casar Bolívar com Luzia. A moça podia ser leviana, podia ser isto e mais aquilo. Mas seu filho afinal tinha nas veias o sangue do Cap. Rodrigo, e nunca um Cambará se deixaria dominar por uma mulher. Fosse como fosse, ela estaria sempre junto dele para ampará-lo e dar-lhe conselhos.

Estava resolvido: ia tomar o Sobrado. Não de assalto, aos tiros, como o Cap. Rodrigo. Agora não havia nenhuma pressa. Era mulher, tinha paciência, estava acostumada a esperar... Que era um ano, dois anos, dez anos? Um dia Aguinaldo morre, Bolívar fica dono de tudo, eu volto pras minhas árvores, vou ver nascer os filhos de meu filho, vou ajudar a criar meus netos... (p. 368)

Dr. Carl Winter acompanhou a batalha que se travou no Sobrado, entre Luzia e Bibiana, após o casamento. Quando achava já ter visto tudo no duelo, surpreendeu-se com o poder de astúcia que gerava deste conflito. Não julgava o que era certo ou errado, apenas ouvia e observava:

A sugestão de Bibiana deixara-o quase escandalizado. Habituar-se a ver nela uma mulher de caráter e – oh, as frases feitas, os sentimentos feitos! – de coração bem formado. Via-a agora como sob uma nova luz fria, crua e reveladora: tinha a medida

exata de sua capacidade de ódio. Mas... por que não virar a coisa do lado do avesso e dizer – *de sua capacidade de amor*? Não estaria Bibiana a sugerir aquelas coisas pelo muito que amava o filho e o Sobrado? E aquela atitude não revelaria, em última análise, o espírito prático duma mulher realista que, no dizer do povo da Província, costumava dar sempre nomes aos bois? (p. 421)

Sabia que Bibiana tinha um objetivo específico: retomar o Sobrado erguido em cima de terras que um dia foram de seu pai. Para isto, era necessária muita luta, principalmente contra sua nora Luzia que, como ela, também era uma criatura de pulso. Em um diálogo com Florêncio, Winter revela a verdadeira “lei” do Sobrado, que somente ele, de fora, percebera o que ninguém jamais tinha se dado conta ou admitia existir:

- Como é que elas vivem naquela casa, doutor?
- Odiando-se.
- Mas como é que duas pessoas que se odeiam assim podem viver debaixo do mesmo teto?
- Estão jogando uma carreira.
- Como?
- Sim, uma carreira. Não em cancha reta, mas numa cancha cheia de curvas. A raia de chegada é a morte. Só que nessa carreira quem chegar primeiro perde...
- Perde?
- O Sobrado e o menino.(p. 488)

Quando decidia falar abertamente, Dr. Winter mexia com os sentimentos das pessoas, pois além de ter uma visão dos fatos que ninguém possuía, era muito difícil admitir que estava com a razão:

Florêncio sacudia a cabeça com obstinação.
- Vosmecê está enganado. Tia Bibiana é uma mulher de bom coração.
- D. Bibiana é uma mulher prática. Aguinaldo Silva tomou a terra do pai dela por meio duma hipoteca. Ela recuperou a terra por meio dum casamento. (p. 488)

O médico sabia que espantava as pessoas falando abertamente de assuntos tão complexos. Fazia uma leitura dos fatos distanciadamente, captando a situação pura e simplesmente, o que à maioria não era possível, por estar demasiadamente envolvida com a situação:

- Vosmecê está enganado se pensa que por ter procedido assim sua tia se revelou uma mulher má. Não! Ela é, sem a menor dúvida, uma mulher prática. Não só recuperou as terras de seu pai, que o nortista espoliou, como também garantiu o futuro do neto. Licurgo agora é o dono do Sobrado e do Angico. (p. 490)

Enquanto para muitos era difícil ou quase impossível encarar a realidade, Winter tratava-a sem a menor resistência. Levava os outros a acompanhar o seu raciocínio, muitas vezes, sem obter sucesso, pois era obrigado a falar com clareza de idéias tomando uma atitude de quase agressão. Foi o que Florêncio presenciou em conversa com o doutor sobre as atitudes de sua tia:

- Vosmecê *não quer* acreditar. Porque tem medo. E sabe por quê? (...) - É porque, se acreditar nas coisas que estou lhe dizendo, vosmecê acabará se desiludindo de todo o mundo. Há quase quatorze anos vosmecê perdeu Bolívar, o seu melhor amigo. Depois perdeu seu pai, o único homem que vosmecê respeitava e admirava de verdade. Só lhe resta

agora D. Bibiana, que vosmecê sempre se habituou a ver como uma mulher decente, de bom coração, incapaz dum sentimento de maldade. Agora não quer matar a sua última ilusão e por isso se esforça para não acreditar... (p. 489) .

Através de sua peculiar observação, Dr. Winter foi convivendo com os moradores de Santa Fé, em especial, com os do Sobrado. Percebeu e entendeu a cada momento o que se passava no interior daquele cenário. Assistia a tudo com prazer, pois era o único à altura de compreender um espetáculo tão complexo. Sabia mais da vida dos integrantes do Sobrado do que eles próprios, pois falavam coisas que somente ele, Winter, entendia:

Um dia numa aula o Dr. Winter dissera a Curgo algo que o deixara intrigado. Com uma pequena bússola de bolso na mão, o médico falava do globo terráqueo e dos pólos.

- Sua vida Curgo - disse ele - oscila entre dois pólos magnéticos: Fandango e D. Bibiana. (p. 496)

Licurgo não entendeu e também não fez questão de desvendar um comentário carregado da lucidez de quem não vive o problema intensamente e pode isentamente expor verdades. Possuidor de idéias e visão muito claras do local, o médico alemão não deixou qualquer tipo de sentimento ou “patriotismo” interferir no que estava presenciando.

Das pessoas, as observações do Dr. Winter estendiam-se às instituições: o poder religioso, o poder judiciário e o poder militar, representados pelo Padre Otero, mais tarde pelo Padre Atilio Romano, pelo Dr. Nepomuceno e pelo Major Graça, respectivamente, foram objetos de sua atenção. Devido à sua descrença religiosa e às suas análises sociais, travou

calorosos diálogos com essa tríade, levando-os, algumas vezes, a experimentar sentimentos de desconforto.

Nos encontros com o Padre Otero, que se davam em grande maioria no Sobrado, Winter fazia questão de provocar o pároco com suas perguntas. Tinha princípios e idéias que não agradavam ao religioso e, mesmo assim, o médico as colocava nos momentos de diálogos na casa de Bibiana. No dia em que o escravo Severino foi enforcado em praça pública e muitos moradores foram assistir à cena como a um espetáculo de arte, Winter requisitou a opinião da Igreja, indagando Padre Otero até o constrangimento:

- Mas não acha, reverendo - perguntou - que indo ver a morte do negro seus paroquianos não se portaram dum modo muito cristão?

O padre cruzou as pernas, tornou a olhar para o cálice e respondeu:

- É. O espetáculo não foi nada edificante. Mas o senhor sabe, doutor, o fato deve ser olhado como um exemplo.

- Mas a sua igreja não condena a pena máxima? Temos o direito de tirar a vida dum ser humano, mesmo em nome da justiça?

O Pe. Otero remexeu-se na cadeira, numa visível sensação de mal-estar. O Dr. Nepomuceno voltou vivamente a cabeça na direção do médico. (p.388)

Dr. Winter parecia ter a missão de plantar dúvidas na cabeça daquela gente. Mesmo sabendo que provocaria a animosidade dos interlocutores em relação a ele, queria sempre respostas para seus questionamentos, tentando fazer os presentes tomarem uma posição mais concreta diante dos fatos:

- A Igreja é de Deus e o reino de Deus não é deste mundo. Os homens podem errar, mas Deus nunca erra. No fim os pecadores sempre são punidos e os justos recompensados. E aqueles que são condenados por um erro da justiça dos homens, no céu serão exaltados e redimidos...

Winter sorriu.

- Acha então possível que no caso de Severino tenha havido um erro da justiça?

O padre empertigou-se de repente, como se lhe tivessem alfinetado as costas.

- Eu não disse isso.

- Acredita então que o negro matou mesmo os tropeiros?

- Também não afirmei tal coisa. (p. 388)

Muitas vezes, o médico deixava o padre sem saber o que falar. O vigário estava acostumado com os fiéis calados e não com indivíduos como o seu interlocutor, independente e cheio de opiniões próprias:

- Qual é a sua opinião sobre o caso?

- Como sacerdote de Deus não me cabe criticar a justiça do Estado. Cristo disse: "A César o que é de César. A Deus o que é de Deus."

(...) Winter emborcou o cálice de licor, lançou um olhar para Luzia, que seguia a discussão com interesse, e perguntou com ar agressivo:

- E quem me prova que não foi o próprio dono da olaria que matou os seus hóspedes. Quem me prova?

- "Não levantes falso testemunho contra o teu próximo"- sentenciou o vigário.

- É uma hipótese...

- Que não deixa de envolver uma calúnia - retrucou o Dr. Nepomuceno.

- Pois bem. Eu posso me retratar numa calúnia... numa afirmação leviana. Mas o que fizeram com Severino é irremediável. E

uma retratação da justiça não devolveria o negro à vida. (p. 389)

Adversário diferente encontrou no Padre Romano. Esse possuía sempre uma resposta para as incansáveis perguntas do Dr. Winter. No Sobrado, na festa de Licurgo pela abolição dos escravos da casa, Dr. Winter questiona-o sobre a Proclamação da República e sua implicação para com a Igreja:

O médico inclinou o busto para a frente e voltou a cabeça para o vigário.

- Pe. Romano - disse ele em voz muito alta para ser ouvido no meio da balbúrdia - ainda não compreendi como é que, sendo o senhor um sacerdote católico, pode simpatizar com a idéia republicana...

- Por que não? Por que não, belo? Acha que um padre não deve ou não pode ter emoção cívica?

- Não é isso. Um dos pontos do programa republicano é a separação da Igreja do Estado...

O Pe. Romano ergueu-se.

- E então! E daí? - exclamou, aproximando-se do outro, como se o quisesse agredir. Segurando o médico pelos ombros com suas manoplas peludas, perguntou: - Pensa o doutor que a Igreja para sobreviver precisa do amparo do Estado? - Soltou uma risada gostosa. - Essa é magnífica! O Estado é que não poderá viver se não se amparar espiritualmente na Igreja! (p. 629)

Dr. Winter encontrou neste vigário um interlocutor à altura, que não se deixava abalar tão facilmente com indagações, pois esse era um homem de leituras. Com base nesses conhecimentos, o doutor discorria em questões que seu interrogado lhe respondia satisfatoriamente:

- Vosmecê leu Darwin e Lamarck, não leu?
- Li. E talvez melhor que o doutor.
- Aceita as leis da evolução e da seleção?
- Aceito.
- Então?
- Então quê?
- Como pode reconhecer ao mesmo tempo a autoridade da Bíblia?
- Mas a Bíblia fala uma linguagem simbólica, belo!
- Isso é um sofisma.
- A hipótese evolucionista não exclui necessariamente Deus. Ela é antes uma prova suprema, da incomparável, da sutil e imaginosa inteligência do Todo-Poderoso. (...) - A Bíblia não passa duma versão poética do gênesis ao alcance da inteligência popular.
- Isso é uma heresia, padre!
- E ninguém mais autorizado que um padre para proferir uma heresia, belo! - exclamou o vigário, saltando uma gargalhada. (p. 634- 635)

No entanto, o médico alemão gostava de conversar com o Padre Romano. Simpatizava com ele e o admirava por sua independência de idéias e desenvoltura no falar. Achava que Santa Fé precisava de um representante religioso desse nível: sem estar preso a amarras e sem dever nada para ninguém. Suas conversas com ele eram prazerosas, pois havia acompanhado outros vigários e a nenhum considerava tanto como a este:

Contemplou o interlocutor com simpatia. Admirava o Pe. Romano. Conhecera outros vigários de Santa Fé: alguns deles eram homens de poucas luzes, que viviam no sagrado temor de desgostar o chefe político local. Não liam nada e tinham medo de discutir tudo. Agora Santa Fé possuía um vigário independente, exuberante de saúde

e bom humor, um liberal e, por mais absurdo que parecesse, um livre-pensador. (p. 635)

Política também era outro assunto discutido nos encontros do Sobrado e Winter interessava-se por ele tanto quanto por religião. O Major Graça era, portanto, alvo dos questionamentos do doutor. Sempre que podia conversava sobre a política do país e as constantes guerras, mostrando não aceitar os fatos sem maiores esclarecimentos. Um de seus temas preferidos era a honra militar:

- Mas o meu caro major não acha que a honra não é um privilégio dos militares, e que um civil pode achar que sua sobrecasaca e suas calças merecem tanto respeito quanto a farda?

O major mirou o médico num silêncio meio irritado. E na expressão do rosto do militar Winter leu tudo quanto ele queria dizer mas calava: "Não se meta. Vosmecê é um estrangeiro." (p. 521-22)

Dr. Carl não se intimidava com os olhares irritados do major. Seguia na sua interlocução sem o menor constrangimento, como querendo fazer o militar observar melhor os fatos da guerra:

- Mas vosmecê não acha, major que quando Caxias voltar da guerra triunfante e cheio de prestígio pessoal ele vai ser para este país o que Bismarck é para a Prússia?

- Que quer dizer o senhor com isso?

- Quero dizer que vai ser a verdadeira força por trás do trono, o homem que daqui por diante governará o Brasil...

- Meu caro doutor, Caxias é um patriota e não um ambicioso!

- Mas já se fala por aí em república. Suponhamos que Caxias...

- Ah, isso é que nunca! Seria uma traição ao Imperador e Caxias não é um traidor. (p. 522)

Major Graça não possuía desenvoltura suficiente e incomodava-se com as indagações do doutor. Winter achava-o exacerbado nas respostas. Sempre que tentava dialogar com o major, dificilmente conseguia fazê-lo analisar e responder desapaixonadamente, de modo que o médico preferia interromper suas interpelações em vista da falta de ponderação e imparcialidade de seu interlocutor:

Winter achou melhor não continuar. Homens como o major não sabiam discutir com calma. Tomavam tudo muito a peito, ofendiam-se com facilidade, só sabiam discutir com palavras e sentimentos grandiloquentes: pátria, honra de classe, altruísmo, nobreza, heroísmo. Era impossível esfriar-lhes o entusiasmo e trazê-los a examinar os fatos com objetividade desapaixonada. (p. 522)

Não raro Winter chocava a todos. Quando exaltado, dava opiniões acerca do mundo, principalmente assuntos que lhe chamavam atenção, como a Revolução Francesa. O padre, o major e o juiz ficavam estarecidos com tamanha liberdade de pensamentos, pois o doutor falava com muita propriedade sobre Napoleão ter atrasado o relógio da História com suas grandes conquistas. “- Havia uma idéia liberal nascida da Revolução Francesa...”(p. 526).

Essas afirmações iam estarecendo os ouvintes, pois eram opiniões demasiadamente ousadas e revolucionárias, dirigidas a três representantes da norma vigente do poder. Dr. Winter gostava de criar polêmica porque se preocupava e acreditava no progresso de uma maneira

geral. Sabia que Santa Fé possuía riquezas e campos que podiam ser explorados para benefícios de todos, mas quanto mais permanecia no vilarejo, mais se impacientava com o descaso dos santa-fezenses em relação aos campos e ao futuro. As guerras desorganizavam a vida dos continentinos e, sem confiança numa inteligência ordenadora, eles viviam ao acaso:

Os campos se achavam despovoados e ele tinha a impressão de que ninguém tinha plano, ninguém pensava no futuro; os continentinos viviam ao acaso das improvisações, confiando sempre na sorte. Por que não tentavam alguma coisa? – impacientava-se ele. (p. 390)

Médico, leitor de grandes obras, Carl pensava no vilarejo como uma comunidade em progresso, desde que ajudada pelo seu povo. Segundo ele, algo deveria ser pensado para mudar a economia da região, pois, além do charque, havia possibilidade para outros cultivos e criações:

- Mas esta província não pode depender eternamente do charque e do couro! – exclamou Winter. – Foi um erro terem abandonado o trigo. É uma insensatez não cuidar dos rebanhos... um crime não cultivar melhor a terra. Havia outros problemas sérios: o da instrução pública, por exemplo. Existiriam quando muito umas oitenta escolas em toda a Província, e todas eram de primeiras letras. Havia uma assustadora escassez de professores. (p. 391)

A indignação do médico para com a situação levou-o a falar abertamente aos representantes dos três poderes que se encontravam no Sobrado, na ocasião do noivado de Bolívar e Luzia:

- Esta terra é boa demais para ficar abandonada, despovoada de gentes, de gado e de lavouras... É incrível que a Província tenha de importar os cereais que consome: não só os cereais, mas até a farinha de mandioca.(p.392)

Suas questões remetiam a outros campos, como a cultura, a educação e os livros. Desde que chegara em Santa Fé não havia visto um único livro impresso na Província. Tudo isso inquietava o médico alemão, pois para ele o progresso era inevitável e a terra era rica em recursos. Com essa possibilidade, pensou nos colonos e de como eles poderiam participar no progresso do território:

Estava certo de que eles poderiam ajudar com seu trabalho e seus conhecimentos o progresso do Brasil. Os que ali haviam chegado até então lutavam com toda a sorte de dificuldades: as distâncias, a falta de meios de comunicação, a ignorância dos nativos e a indiferença dos governos. Faziam, entretanto, o que podiam. Aos poucos iam realizando coisas, fundando colônias novas, cultivando a terra, exercendo, enfim, um apreciável artesanato. (p. 414)

Mesmo nutrindo o objetivo de ir embora, Carl maravilhava-se ante a oportunidade de ver Santa Fé transformada, de vê-la acompanhando o passo de outras localidades. Principalmente em suas conversas com D. Bibiana, manifestava seu entusiasmo pelas transformações que poderiam ocorrer na cidadezinha:

- Vosmecê já pensou, D. Bibiana - disse Winter, descansando os talheres sobre a mesa - que um dia Santa Fé vai ser uma cidade, com muitas casas, lampiões nas ruas, teatros, fábricas, e gente, muito mais gente que agora? (p. 415)

O progresso e a mudança das instituições eram inevitáveis; como bom leitor e “pensador” que era, sabia que determinadas coisas vão tomando conta de outras e influenciando os diferentes setores. Assim, estava convicto de que a mudança estava chegando a Santa Fé, mesmo com a resistência de alguns:

Um pontão de lança - refletiu Winter, acendendo o cigarro e olhando reflexivamente para Bibiana.

- A senhora se lembra - perguntou ele - quando um dia, faz muito tempo, nesta mesma sala, nesta mesma mesa, eu lhe disse que Santa Fé ia progredir e ter muitas dessas coisas de cidade grande?

- Nunca me esqueço de nada, doutor.

- Pois é. Não me enganei. Hoje temos lampiões nas ruas, números nas casas, mala postal...(p. 600)

Ao final da narrativa, Dr. Carl Winter está totalmente adaptado àquela cidadezinha na qual foi ficando por inércia e que, mais tarde, acabou ganhando sua admiração.

5 DOIS OLHARES

Para melhor caracterização das personagens em estudo, iremos a seguir confrontá-las em suas semelhanças e diferenças, e, num momento posterior, analisá-las à luz da teoria da personagem em questão.

5.1 Os estrangeiros

Dr. Gaspar de Fróis chega ao Sul do País como clandestino em uma embarcação que trazia casais açorianos para colonização da terra. Indivíduo inquieto, logo toma intelectualmente a dianteira para ordenar e entender o que se passava com seus conterrâneos. Muito cedo foi eleito, pelos seus companheiros de viagem, representante junto às autoridades, pois mostrou ser possuidor de um olhar atento e perscrutador sobre os fatos que envolviam o projeto de assentamento. Essa maneira de ser e perceber os acontecimentos fez com que o procurassem para tratar de diversos assuntos.

Acostumado com um outro tipo de vida e cercado sempre de boas leituras, choca-se ao se confrontar com a miséria, o despreparo e a incerteza de milhares de pessoas, principalmente com aquelas que eram surpreendidas pela morte, antes de conhecer a nova terra.

Rapidamente, Dr. Fróis percebeu as falhas do projeto implementado por Portugal. Viu que os verdadeiros organizadores do intento não tinham conhecimento de causa e pouco sabiam como era a região a ser conquistada por eles. O plano de assentamento dos casais estava sendo rigorosamente efetivado sem nenhum ajuste ou contestação por parte de seus executores. Homens acostumados a trabalhar, a ter uma terra para tirar o sustento, viram-se sem moradia, sem onde plantar e sem destino. Passaram a depender integralmente de outrem: o governo.

Dr. Gaspar tem no bom andamento do projeto e, conseqüentemente, no bem-estar dos colonos sua meta. Empenha-se com todas as suas forças para esclarecer e ajeitar o que achava estar fora do lugar. Falava com quem precisasse, pois, dotado de uma inteligência acima da média, observava melhor do que os envolvidos os planos engendrados em Portugal.

O médico português representa, na narrativa, o olhar de fora. Por não pertencer ao mundo dominado, consegue analisar de forma objetiva e clara a política para o novo mundo. Sensível e emotivo por natureza, observa atentamente e vai registrando em seu diário o rumo que as coisas estavam tomando em solo brasileiro, inteirando-se ao máximo da dura batalha da vinda e instalação dos açorianos ao Sul do País. Revela as reais condições do assentamento, pois segundo Regina Zilberman “a perspectiva com que a obra enfoca a ocupação do Rio Grande é crítica e desmitificadora.”¹⁰

Observador perspicaz, Dr. Fróis à medida que vai relatando as aventuras dos colonos em terras sulinas, desmitifica a questão da colonização do Sul do País. Mostra-nos, através de sua visão de fora, o despreparo de um plano urdido burocraticamente, sem qualquer conhecimento de causa. Seu olhar distanciado, porém, não o impediu de se envolver emocionalmente com as pessoas e o lugar, levando-o ao desânimo e à fuga da realidade.

¹⁰.ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 114.

O acaso traz Dr. Carl Winter para o Sul do Brasil. Rumando sem destino certo, aporta em Santa Fé planejando ali ficar por uma noite, mas acaba fixando residência. Culturalmente diferenciado, Winter deslumbra-se e inquieta-se com tanta disparidade existente entre ele e aquela gente. Percorre seu olhar por todo aquele lugar, que diz ter sido esquecido por Deus, e nota fatos nunca antes presenciados por alguém. Seu modo de ser e agir chama a atenção dos moradores, mas essa diferença o caracteriza e o aproxima das pessoas ao longo de sua estada no Continente.

Trouxe consigo não só os conhecimentos acadêmicos como também a experiência da Europa. Acostumado a ler bons livros e a apreciar a

boa música, surpreende-se com a pacata movimentação do vilarejo, observando que a grande maioria faz parte de um grupo de analfabetos.

Aos poucos, Dr. Winter aprende a lidar com aquele grupo tão singular. Nota que aquela gente se organizava em função do sexo. Os homens são, em sua forma completa e extrema, os conquistadores brutais, os guerreiros e os procriadores. As mulheres apresentam-se, em sua forma perfeita, o contrário dos machos, entretanto, mostram também valentia, mas de maneira paciente e obstinada. Sofrem em silêncio as brutalidades masculinas.

Profundamente arraigadas à família, as mulheres alimentam e educam, protegem a vida e garantem a permanência das coisas, construindo a casa, o clã, o povo e tecem os laços que mantêm unidas as gerações subseqüentes. O médico alemão tem como tipo perfeito destas mulheres a velha Bibiana, como ele mesmo afirma: “D. Bibiana! Ali estava uma criatura de valor. Com umas duzentas matronas como aquela estaria garantido o futuro da Província.”(p. 363).

Dr. Carl Winter vê que os homens têm todos os direitos. Podem fazer quantos filhos desejarem nas índias e em suas inúmeras concubinas, mas também nota que desgraçado de quem ousar olhar um pouco mais longamente para a esposa legítima de outro, pois para eles é necessário, antes de mais nada, ser viril e não ser traído. Na concepção do médico germânico, trata-se de um povo que vive a cavalo, realiza-se na guerra, bebe água em chifres de vaca e é ainda meio bárbaro.

Dr. Winter também desempenha no romance o papel de um observador externo. Suas reflexões mostram uma civilização dominada pelo machismo, que consiste em prezar mais do que tudo a virilidade e os valores que a ela se reportam. Tudo o que é grande, belo, nobre é o que caracteriza o

“homem macho”. Tudo o que emana da feminilidade é, ao contrário, inferior. Porém, o que mais deixa o médico perplexo é que a arte e a cultura são para eles valores femininos, sendo, portanto, desprezíveis.

Dr. Winter é o verdadeiro contraponto entre Santa Fé e a Europa. Suas reflexões trazem à tona a civilização dos gaúchos: suas formações e seus hábitos. Seu jeito típico de ser e de vestir-se leva-o a estas comparações, pois algo o perturba e, ao mesmo tempo, o encanta naquela gente, naquele vilarejo tão distante dos verdadeiros acontecimentos.

Como médico, circula por todos os ambientes de Santa Fé. Gosta de uma boa conversa e de polemizar em determinados assuntos, principalmente quando se trata de religião ou política. Conquista a admiração e o respeito na cidadezinha, passando sua opinião a se tornar de grande valor em famílias como a dos Terra-Cambará.

Observador perspicaz como o Dr. Fróis, Dr. Winter acompanha o crescimento de Santa Fé. Acredita que a cidade não escapará ao progresso e que com o tempo aquela gente rude se acostumará com as mudanças. Mas, não são somente os nativos que se adaptam aos novos tempos, o médico alemão também vai se acostumando ao lugarejo, feito camaleão trocando de cor para acompanhar um novo ambiente. Deixa-se ficar aos poucos; coloca de lado os cuidados com as roupas e com a língua, para, no final da narrativa, encontrar-se completamente integrado àquele povo.

Dr. Gaspar de Fróis e Dr. Carl Winter possuem trajetórias de crescimento e queda semelhantes em alguns aspectos, discordantes em outros. Ambos têm uma imagem estruturada e possuem um olhar refinado sobre fatos e determinadas pessoas. Criam um estilo próprio entre as gentes

com quem convivem: magros e com pouca acuidade visual, distanciam-se dos demais habitantes por suas particularidades: o primeiro, com chapéu tricorne e barba em ponta; o segundo, com seu chapéu alto e calças de xadrez preto e branco, ligadas às coxas e às pernas.

Ambos vêm para o Sul do País trazendo dentro de si uma desilusão a ser esquecida e um vazio a ser preenchido. Em terras sulinas, essas duas figuras logram confiança dos que deles se aproximam, pois estão sempre prontos a escutar. Com isso, ficam inteirados dos fatos que acontecem a sua volta. A profissão de médico dá-lhes respaldo e salvo-conduto para transitarem livremente entre a população.

Médicos e leitores de grandes obras, apresentam rara sensibilidade, fazendo da escrita um caminho para o desabafo. Tanto um quanto o outro organizam as idéias e pensamentos escrevendo para se ouvirem, usando o papel para poder organizar o mundo à volta. No caso de Fróis, esse processo se realiza através da escrita de seu diário; na mão de Winter, são as cartas dirigidas a Koseritz que cumprem esse papel.

Ateus convictos, Fróis e Winter desafiam as instituições vigentes: a Igreja é o maior alvo dos dois estrangeiros. São criticados por terem esta postura, pois sempre há um pároco mais conservador que os tem como hereges pela maneira como a questionam e, principalmente, pela rara freqüência com que a visitam. Fazem frente às normas porque, de uma certa forma, não se sentem parte daquela sociedade, vieram de fora.

O modo e a maneira, porém, como cada um interage com o meio é diferente, pois os dois médicos chegam em épocas diversas, encontrando contextos diferentes. Um aporta aqui por opção e o outro, por acaso. Enquanto

o médico português faz questão de se envolver com os colonos e responsabilizar-se pelo que não sai a contento, o médico alemão comporta-se ao contrário. Não quer se envolver e tampouco se culpar por alguma coisa; apenas lamenta por tudo sair dessa maneira e não de outra, e alivia-se por não fazer parte daquele território.

Indivíduo sem apegos, Winter não tem qualquer aproximação amorosa para somar às suas desditas, enquanto Gaspar, um ser de envoltimentos por natureza, prova o gosto de um amor clandestino, que se soma aos seus desencantos.

Acompanhando, assim, as personagens na narrativa desde o ápice até a queda, o mais significativo entre ambas é a maneira pela qual cada uma sucumbe ao meio. Nenhuma das duas consegue adaptar-se naturalmente ao local que foi alvo de suas observações. Dr. Gaspar de Fróis, após todas as andanças, conversas e tentativas de melhor entender o processo de povoamento do Sul do País, é vencido pelo cansaço e pelas frustrações de nada poder realizar. Opta, então, pela fuga, abandonando a vida. Dr. Carl Winter, entretanto, depois de fazer comparações da terra local com as do velho mundo, encontrando bem menos vantagens na primeira, inquieta seu espírito com a idéia de partir. Porém acomoda-se, deixando a vontade de regressar para a terra natal morrer aos poucos, dando lugar à inércia e a um novo cidadão santafezense, partícipe de eventos locais outrora apenas assistidos por ele. Emoção e razão guiaram o pensamento e a conduta desses dois olhares em solo gaúcho.

5.2 As personagens

Dr. Fróis seguiu uma linha de conduta no contexto vivido. Foi registrando em seu diário tudo o que presenciara durante as travessias por mar, seguido de sua permanência em terra. Surpreendeu-nos a cada momento em que as dificuldades apareciam e quando era exigido maior fôlego para a personagem. Usando a terminologia de Forster, Gaspar é uma personagem redonda, pois além de se apresentar com uma certa complexidade, convence-nos do começo ao fim da narrativa. Ao final do texto, mostrando sensibilidade extremada ao ponto de sumir e desaparecer por completo, e deixando o sentimento de culpa esmagá-lo, provoca-nos impacto, porém a aceitação é imediata devido à exposição da vida dessa personagem.

Apesar da trama não girar em torno do Dr. Winter, o médico teve papel importante nos registros dos fatos em Santa Fé. Com sua complexidade e sensibilidade envolve-nos a cada momento em que seu olhar se voltava para algum fato. Em suas cartas para Carl von Koseritz, transparecia ainda mais a sua profundidade de construção, podendo levar-nos a crer que estávamos diante de uma personagem também redonda, com todas as suas qualidades, convencendo-nos a cada momento.

O modo-de-ser de cada um foi estabelecido quando foram apresentados no texto: Gaspar o foi, desde o primeiro instante, pois a narrativa segue as anotações de seu caderno. Vimos suas preocupações com os doentes, as incertezas corroendo-lhe o pensamento e a sensibilidade afetada pela perda de entes queridos. Carl o foi no meio da narrativa, na qual nos é apresentado o médico alemão e suas andanças até chegar a Santa Fé. Sua maneira de ver e analisar os fatos e as pessoas fica bem caracterizada, permitindo-nos acompanhar sua lógica ao longo do romance.

As personagens em questão estão ligadas a um contexto que lhes exigiu um comportamento diferenciado das demais. Uma atitude que as colocasse como um olhar de fora: um olhar capaz de fazer comparações e entender o que realmente estava acontecendo. Portanto, a estrutura das duas personagens é semelhante. Possuem seus momentos de ápice e queda, entregando-se ao destino por falta de forças para seguir lutando. Fróis e Winter são apresentados em suas diversas facetas, com todos os seus sentimentos, para depois presenciarmos tudo isso sendo tocado pelas surpresas da vida, levando-os à derrocada.

Segundo Antonio Candido, o romancista precisa descrever e definir a personagem, de maneira que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor. A caracterização do Dr. Gaspar de Fróis nos é sinalizada desde o momento em que ele demonstra sua preocupação com os companheiros de viagem e a maneira como age para tentar resolver os problemas que vêm se apresentando desde então. Sua sensibilidade ante os fatos da vida e as lágrimas derramadas ao se sentir só são outros fatores que também marcam a caracterização dessa personagem. Quanto à do Dr. Winter, tem seu início na sua avaliação da terra em que se encontra e de seu modo-de-ser e vestir. A não aceitação de costumes locais, como fumar crioulo e rechaçar mulheres que não fossem de sua origem, ajudaram a caracterizar essa personagem singular. São, portanto, naturalmente explicáveis: sensíveis, perspicazes e inteligentes, apresentando nitidez e perfeita consciência em seus atos.

Podemos dizer que elas se enquadram nas personagens de natureza, conforme também propõe Antonio Candido, porque é analítica e não pitoresca a visão que temos ao invocar cada uma. Ao pensarmos no Dr. Gaspar de Fróis e no Dr. Carl Winter é necessário caracterizá-los no todo, por inteiro,

analisando cada detalhe de seu ser, pois não apresentam uma regularidade atribuída a outras personagens. O interior delas nos é revelado e é por isso que somos convencidos a aceitar o destino de cada uma. Ficamos sabendo como cada uma se sentiu, de como foi complicado para elas viverem cada momento de suas existências.

Ao analisarmos Fróis e Winter, seus dois olhares e a perspectiva com que *olharam* uma terra – o Rio Grande – podemos aceitar a idéia de Sérgio Cardoso, que estabeleceu uma diferença entre o ver e o olhar, idéia com que concluímos este trabalho: “o ver, em geral, conota no vidente uma certa discrição e passividade ou, ao menos, alguma reserva. Nele um olho dócil, quase desatento, parece deslizar sobre as coisas; e as espelha e registra, reflete e grava. Diríamos mesmo que aí o olho se turva e se embaça, concentrando sua vida na película lustrosa da superfície, para fazer-se espelho... (...) Com o olhar é diferente. Ele remete, de imediato, à atividade e às virtudes do sujeito, e atesta a cada passo nesta ação a espessura da sua interioridade. Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de “ver de novo” (ou ver o novo), como intento de “olhar bem”.¹¹

Foi, portanto, *olhando*, mais do que vendo, que o Dr. Gaspar de Fróis e o Dr. Carl Winter deixaram registradas as marcas iniciais da história sul-rio-grandense.

- ¹¹. CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia da Letras, 1988. p. 348.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Flávio. Um liberal à deriva. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 fev. 1977. Periódico, p.18.
- ALMEIDA, Lélia. **A sombra e a chama**: as mulheres d'O tempo e o vento. Santa Cruz do Sul: UNISC; Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1996.
- AMADO, Jorge. Erico Verissimo pelo mundo afora. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias**: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 29-34.
- ANDRADE, Jorge. O galho da Nespereira. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias**: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 1-15.

- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. **Um quarto de légua em quadro**. Porto Alegre: Movimento, 1978.
- ATHAYDE, Tristão. Erico Verissimo e antimachismo. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 86-102.
- AYALA, Walmir. Minha infância com Erico. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 26-28.
- BERTASO, José Otávio. Erico editor. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 31-36.
- BORDINI, Maria da Glória. **Criação literária em Erico Verissimo**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- BOURNEUF, Roland & OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Coimbra: Almedina, 1976.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976.
- _____. Erico Verissimo de trinta a setenta. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 40-51.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (Org.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 347-360.
- CARO, Herbert. Erico e os discos. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 11-14.
- CARPEAUX, Otto Maria. Erico Verissimo e o público. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 35-39.

- CÉSAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1980.
- _____. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1956.
- _____. O romance social de Erico Verissimo. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 52-70.
- _____. A medida de cada um. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 7-9.
- CHAVES, Flavio Loureiro. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: _____. **O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 71-85.
- _____. O compromisso da literatura. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 65-67.
- _____. Relendo Erico. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2 set. 1995. Segundo Caderno, p. 2-3.
- DACANAL, José H. A imigração e a história do Rio Grande do Sul. In: _____. **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 271-280.
- _____. Assis Brasil e Britto Velho: revisão e destruição. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 08 jan. 1977. Caderno de Sábado, p. 14-15.
- EW, Atelaine Normann. Amigo velho. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 27-29.
- FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins, 1986.
- FONSECA, Suzana Job Borges da. **Floriano Cambará - Personagem de O tempo e o vento**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Filosofia e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1984.
- FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Globo, 1974.
- FRANCO, Sérgio da Costa. Um quarto de légua em quadro. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 20 nov. 1976.

- GERTZ, René E. **O fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GOMES, Margareth. O tempo e o vento: meio século de uma epopéia. **O Popular**, Goiânia, 11 abr. 1999, p. 3-5.
- GONZAGA, Sergius. Erico e os modernos. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 37-39.
- HOHLFELDT, Antonio. Dois aspectos do Rio Grande. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 20 nov. 1976. Caderno de Sábado, p.7.
- HUNSCHE, Carlos Henrique. **O ano 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul: Província de São Pedro**. Porto Alegre: Metrópole, 1977.
- _____. **O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã do Rio Grande do Sul: Província de São Pedro**. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1975.
- LANDO, Adair Marli, BARROS, Eliane Cruxên. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica**. Porto Alegre: Movimento, 1981.
- _____. Capitalismo e colonização - os alemães no Rio Grande do Sul. In: Dacanal, José H. (org.) **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 9-46.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo: ou a polêmica em torno da ilusão**. São Paulo: Ática, 1994.
- LUCAS, Fábio. O romance de Erico Verissimo e o mundo oferecido. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 144-157.
- LUFT, Lya. Joana olha o Mosa. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 19-21.
- MARTINS, Cyro. Além dos limites. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 15-18.
- MENEGHINI, Luiz Carlos. Erico e a psicanálise. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 57-59.

- MONTELLO, Josué. O tempo e o vento e vida e obra de Erico Verissimo. **Manchete**, Rio de Janeiro, 1 mai. 1976, p. 85-87.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha & HUTTER, Lucy Maffei. **A colonização em São Pedro do Rio Grande do Sul durante o império (1824-1889)**. Porto Alegre: Garatuja/IEL, 1975.
- OBINO, Aldo. Romance açorita. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 12 dez. 1976.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 361-365.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- _____. Erico e a história. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 41-44.
- PRADO, Aurea, et al. **Rio Grande do Sul: terra e povo**. Porto Alegre: Globo, 1964.
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. Erico e Portugal. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 49-51.
- REVERBEL, Carlos. Erico e o jornalismo. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo: o escritor no tempo**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 23-25.
- ROCHE, Jean. O estilo de Erico Verissimo de *O continente* até *Incidente em Antares*. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 194-215.
- RODRIGUES, José Honório. **O continente do Rio Grande**. Rio de Janeiro: São José, 1954.
- RODRIGUES, Odiombar do Amaral. **O tempo e o vento: uma abordagem psicanalítica**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1987.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **1779-1859. Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: Estante Rio-Grandense União de Seguros – ERUS, 1987.

- SANTOS FILHO, Lycurgo. **Pequena história da medicina brasileira**. São Paulo: Desa, 1966.
- SANTOS, Pedro Brum. **Teoria do romance**: relações entre ficção e história. Santa Maria: UFSM, 1996.
- SAUTHIER, Ademar Agostinho. A dignidade do homem. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo**: o escritor no tempo. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 53-55.
- SCHNEIDER, Elenor José. **Incomunicabilidade e paixão no universo dramático das personagens de Reynaldo Moura**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.
- SCHREINER, Renate. **Entre ficção e realidade**: a imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul. Lajeado: FATES, Santa Cruz do SUL: UNISC, 1996.
- SCHÜLER, Donald. O tempo em *O continente*. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias**: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 158-175.
- SCLIAR, Moacir. **Do mágico ao social**: a trajetória da saúde pública. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- _____. **Cenas médicas**: pequena introdução à história da medicina. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- _____. **A paixão transformada**: história da medicina na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. Um escritor que está em nós. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo**: o escritor no tempo. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 69-71.
- SURO, Joaquim Rodrigues. **Erico Verissimo**: história e literatura. Porto Alegre: Luzzatto, 1985.
- TELES, Gilberto Mendonça. A retórica do silêncio. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias**: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 116-143.

- TELLES, Lygia Fagundes. Meu querido Erico. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias**: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 16-25.
- UCHA, Danilo. Três romances e uma promessa. **Zero Hora**. Porto Alegre, 21 nov. 1976.
- USPENSKY, Boris. **A poética da composição**: estrutura do texto artístico e tipologia das formas compositivas. Trad. de Marta Helena Kirst e Maria da Glória Bordini. Introd. de Regina Zilberman e Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, 1981. (Mimeo)
- VARES, Luiz Paulo de Pilla. Erico e a política. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). **Erico Verissimo**: o escritor no tempo. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 61-63.
- VELLINHO, Moysés. Um contador de histórias? In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias**: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 103-115.
- VERISSIMO, Erico. **O continente**. São Paulo: Globo, 1995.
- _____. **Solo de clarineta**; memórias. Porto Alegre: Globo, 1974.
- WEBER, João H. O imigrante na ficção gaúcha. In: DACANAL, José H. (Org.). **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 256-270.
- WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. **A colonização açoriana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1979.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- _____. O circuito imaginário. **Zero Hora**. Porto Alegre, out. 1986. Literatura, p. 4-5.
- _____. O tempo e o vento: história, mito, literatura. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, PUCRS, v. 20, n. 3, p. 63-90, set. de 1986.
- _____. *O continente*: do mito ao romance. In: CHAVES, Flavio Loureiro (Org.). **O contador de histórias**: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 176-193.

____. O romance em zona de transição. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.).
Erico Verissimo: o escritor no tempo. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 45-47.